

PEDRO DA SILVA MORAIS

VERDADE E SALVAÇÃO

No Evangelho segundo João



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Morais, Pedro da Silva
Verdade e salvação no Evangelho segundo João / Pedro da
Silva Moraes. – São Paulo : Paulinas, 2022.
424 p. (Coleção Exegese)

Bibliografia
ISBN 978-65-5808-174-6

1. Bíblia. N.T. João 2. Exegese 3. Salvação (Teologia) I. Título
22-2761 CDD 226.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Bíblia. N.T. João

1ª edição – 2022

Direção-geral: *Flávia Reginatto*
Editora responsável: *Vera Ivanise Bombonato*
Copidesque: *Anoar Jarbas Provenzi*
Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*
Revisão: *Equipe Paulinas*
Gerente de produção: *Felício Calegaro Neto*
Capa e diagramação: *Tiago Filu*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.org.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2022

Aos meus pais e avós, que me ensinaram
que na vida é preciso lutar, buscar e não desistir,
como também me orientaram nos primeiros passos da fé,
no caráter e nas prioridades da vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, razão de todo o meu pensamento e ação, que me concedeu as virtudes necessárias para tal empenho. *Ad maiorem Dei Gloriam!*

A meus familiares, por serem sustento em cada decisão, sobretudo minha mãe, que é um exemplo de amor a Deus e de doação ao próximo.

A meus irmãos e amigos membros da “Aliança de Misericórdia”, de modo particular àqueles que compuseram a missão da Polônia nos anos de 2019-2021, me acolhendo e sendo sustento para minha missão: vocês me ajudaram a ver o que eu não via, a prosseguir confiante mesmo que as circunstâncias pareciam dizer “não”. Ao Dr. Joel Gracioso, a Rafael e Lilian Brito, pela amizade e pelo acolhimento: “Um amigo leva a gente para longe”. Ao Pe. Antonello Cadeddu e ao Pe. João Henrique Porcu, e de modo particular, ao Pe. Rodrigo Custódio, pela coragem e determinação, conferindo-me sempre uma escuta atenta, paciente e confiante.

À Paulinas Editora, pela disponibilidade e parceria na publicação. A Anoar Provenzi, pela atenção, disponibilidade e profissionalismo na preparação do texto. A meu amigo Tiago Filu, que com suas habilidades confere a arte e a diagramação desta obra.

Ao grupo de pesquisa LIJO – Literatura Joanina – PUC/SP. Aos professores Dr. Pe. Gilvan Leite de Araújo, Dr. Pe. Boris Agustín Nef Ulloa e Dr. Matthias Grenzer, por terem me ensinado a perscrutar os textos sagrados de maneira atenta e a encontrar neles um “caminho de vida” para a comunidade de fé. Obrigado pelo incentivo e pela amizade.

Em especial, a meus orientadores, professores Dr. Pe. Mauro Orsatti e Dr. Pe. Manfred Hauke, pelo generoso apoio, acolhida,

conversas, propostas e minuciosas correções em todo o processo de elaboração desta pesquisa que me conferiu o título de Doutor em Teologia, deixando uma contribuição extremamente importante e positiva em minha vida acadêmica.

A todos os professores da FTL (Facoltà di Teologia di Lugano), colegas e colaboradores que significativamente contribuíram para meu crescimento ao longo destes anos de pesquisa.

Enfim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a conclusão desta pesquisa.

Sem Caminho não se anda, sem Verdade não se conhece,
sem Vida não se vive. Eu sou o Caminho que deves seguir,
a Verdade que deves crer, a Vida que deves esperar.
Eu sou o Caminho seguro, a Verdade infalível, a Vida interminável.
Eu sou o Caminho direito, a Verdade suprema, a Vida verdadeira,
a Vida ditosa, a Vida incriada”
(TOMÁS DE KEMPIS, *A imitação de Cristo*, livro 3, 56.1).

SUMÁRIO

Lista de siglas.....	17
Prefácio	23
Introdução.....	25
1. Objeto de estudo e finalidade da pesquisa.....	27
2. Por que investigar o tema da “Verdade” e sua relação com o tema da “salvação” no Quarto Evangelho?.....	29
3. <i>Status quaestionis</i>	32
4. Método exegético e abordagem.....	33
5. Estrutura da pesquisa.....	35

PRIMEIRA PARTE

O CONTEXTO LITERÁRIO, LÉXICO-SEMÂNTICO E TEOLÓGICO DE JO 14,6

CAPÍTULO PRIMEIRO

O contexto literário de Jo 14,6.....	41
Introdução	41
1. Jesus entre os seus: uma análise da seção 13,1–17,26.....	50
1.1 A estrutura temática da primeira parte do Evangelho	50
1.2 O ponto de transição da narrativa entre os capítulos 12 e 13	53
1.3 A hora da glorificação (13,1–20,31)	60
1.4 Os discursos de adeus na “hora” chegada, em 13,1–17,26	63
1.4.1 Gênero literário.....	66
1.4.2 A macroestrutura literária de 13,1–17,26	68
1.4.3 O contexto dos discursos de adeus em 13,1-30	72

2. O discurso de adeus em 13,31–14,31	77
2.1 Delimitação de 13,31–14,31	78
2.2 Articulação do texto de 13,31–14,31	81
Considerações finais	84

CAPÍTULO SEGUNDO

O contexto léxico-semântico e teológico do discurso

de adeus em 13,31–14,31	87
Introdução	87
1. Introdução do discurso em 13,31-32.....	88
1.1 A saída de Judas (13,31a).....	88
1.2 O grito de triunfo de Jesus (13,31b-32).....	90
2. O novo mandamento (13,33-38)	92
2.1 O anúncio da partida e o novo mandamento (13,33-35)	92
2.2 Predição da negação de Pedro (13,36-38)	97
3. A partida de Jesus: o Caminho para ir ao Pai (14,1-14)	100
3.1 O chamado à coragem e à fé (14,1).....	102
3.2 O propósito da partida de Jesus (14,2-3)	106
3.3 Jesus é a Verdade, a Vida e o Caminho para o Pai (14,4-6)	116
3.4 Conhecer e ver o Pai em Jesus (14,7-9)	126
3.5 A presença mútua: Jesus e o Pai (14,10-11).....	132
3.6 As obras do Filho presentes na vida e na missão dos discípulos (14,12-14)	135
4. O retorno de Jesus e o Espírito Paráclito (14,15-24).....	142
4.1 As implicações éticas para o discipulado: observância dos mandamentos (14,15).....	144
4.2 A presença do outro Paráclito: o Espírito da Verdade (14,16-17).....	147
4.3 A promessa do retorno de Jesus (14,18-20).....	154
4.4 A promessa da vinda do Pai e de Jesus (14,21-24).....	157

5. Conclusão do “discurso de adeus” (14,25-31)	162
5.1 A presença do outro Paráclito, que ensina e recorda as palavras de Jesus (14,25-26)	163
5.2 O legado testamentário como dom da paz e da alegria (14,27-28)	167
5.3 O propósito do discurso (14,29-31a).....	174
5.4 As observações finais do discurso – um convite para levantar-se e sair (14,31b)	176
Considerações finais	177

SEGUNDA PARTE

VERDADE E SALVAÇÃO:

UM ESTUDO EXEGÉTICO-TEOLÓGICO DE JO 14,6

CAPÍTULO TERCEIRO

Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida	185
Introdução	185
1. O Ἐγώ εἰμι – “Eu sou” como exegese da Verdade.....	189
1.1 O uso da fórmula de autorrevelação e seu contexto.....	197
1.1.1 Ἐγώ εἰμι como absoluto enfático	197
1.1.2 O Ἐγώ εἰμι com predicado enfático	198
1.1.3 O Ἐγώ εἰμι não enfático	199
1.1.4 O Ἐγώ εἰμι de outros atuantes das narrativas do Quarto Evangelho	200
2. A identificação de Jesus com o “Caminho”: Ἐγώ εἰμι ἡ ὁδός.....	202
2.1 O uso de ὁδός nas origens do pensamento grego	202
2.2 O uso de ὁδός nos textos gnósticos.....	204
2.3 O uso de ὁδός na tradição veterotestamentária	205
2.4 O uso de ὁδός nos textos pseudoepigráficos, nos rabínicos, em Flávio Josefo e em Filon de Alexandria	210

2.5 O uso de <i>ὁδός</i> na tradição neotestamentária	212
2.6 Jesus: o verdadeiro Caminho para o Pai	214
3. A identificação de Jesus com a “Vida”	219
3.1 Breve panorama da concepção de <i>ζωή</i> no pensamento grego	221
3.2 O conceito de “Vida” na tradição veterotestamentária	225
3.2.1 A questão da “morte” na tradição veterotestamentária	235
3.2.2 A questão da “Vida após a morte” na tradição veterotestamentária	237
3.3 O conceito de “Vida” e de “morte” no judaísmo intertestamentário	238
3.4 A Vida como dom de Deus na tradição neotestamentária	241
3.4.1 A concepção de “Vida” nos Evangelhos Sinóticos	242
3.4.2 A concepção de Vida na literatura paulina e no livro do Apocalipse	245
3.5 “Eu sou... a Vida”: o dom da Vida no Quarto Evangelho	250
Considerações finais	260

CAPÍTULO QUARTO

Jesus: revelação de Deus e salvação da humanidade	263
Introdução	263
1. O conceito de <i>ἀλήθεια</i> e a revelação do projeto de Deus	265
1.1 O que é a Verdade?	269
1.1.1 O conceito de <i>ἀλήθεια</i> no pensamento grego antigo	271
1.1.2 O conceito de <i>ἀλήθεια</i> no período intertestamentário	276
1.2 A Verdade na tradição veterotestamentária	277
1.2.1 O sentido jurídico de <i>πῶς</i>	282
1.2.2 A Verdade de Deus e o aspecto religioso de <i>πῶς</i>	283
1.2.3 A Verdade no judaísmo intertestamentário	289
2. A <i>ἀλήθεια</i> no contexto da tradição neotestamentária	292
2.1 O conceito de “Verdade” na teologia paulina	295

2.2 O conceito de “Verdade” em outros textos neotestamentários ..	299
3. A identificação de Jesus com a Verdade.....	301
3.1 A relação do conceito de ἀλήθεια e a נאמן veterotestamentária ...	307
3.2 A Verdade é uma pessoa: Jesus, o Salvador	310
3.2.1 Jesus Cristo: o Λόγος divino-encarnado.....	311
3.2.2 O dom da revelação: o Λόγος se fez carne, cheio de χάρις e ἀλήθεια	314
3.3 Eu sou a Verdade: Jesus, a revelação do Deus que salva.....	322
3.4 Jesus e o testemunho da Verdade.....	330
4. O Espírito da Verdade	332
4.1 O Espírito Santo e Cristo “Caminho, Verdade e Vida”: uma pneumatologia cristocêntrica	345
4.2 A ação do Espírito da Verdade na obra de salvação.....	349
5. A Verdade na vida daqueles que creem em Jesus.....	353
5.1 “Fazer a Verdade” (3,31; 1Jo 1,6)	355
5.2 “Ser da Verdade” (18,37; 1Jo 2,21; 3,18-19)	356
5.3 “Viver na Verdade”	357
5.4 “Colaborar com a Verdade” (3Jo 8).....	360
5.5 “Conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará” (8,32; 2Jo 1)	361
Considerações finais	367
 CONCLUSÃO	 373
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 381

LISTA DE SIGLAS

1QH	Manuscritos de Qumran – Hodayot: hinos de adoração
1QM	Manuscritos de Qumran – Regra da guerra dos “filhos da luz” contra os “filhos das trevas”
1QS	Manuscritos de Qumran – Regra da Comunidade
AAS	Acta Apostolicae Sedis
ABR	Australian Biblical Review
ACIFEST	Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST
AcT	Acta Theologica
ActaSci	Acta Scientiarum
ActTeolFilos	Actas Teológicas y Filosóficas
APB	Acta Patristica et Byzantina
ASE	Annali di Storia dell’Esegesi
AsSeign	Assemblées du Seigneur
ATeo	Atualidade Teológica
ATH	Annales Theologici
BBR	Bulletin for Biblical Research
BHT	Beiträge zur Historischen Theologie
Bib	Biblica
BibAn	The Biblical Annals
BibLeb	Bibel und Leben
BibOr	Bibbia e Oriente
BLE	Bulletin de Littérature Ecclésiastique
BR	Biblical Research
BSac	Bibliotheca Sacra
BVC	Bible et Vie Chrétienne
BZ	Biblische Zeitschrift
Caminhos	Caminhos

CBQ	Catholic Biblical Quarterly
ChrT	Christianity Today
CivCat	La Civiltà Cattolica
CO	Credere oggi: Rivista bimestral di divulgazione Teologica
Concilium	Revista Internacional de Teología Concilium
Conspectus	Conspectus
Csion	Cahiers Sioniens
CTh	Collectanea Theologica
CTO	Colloquia Theologica Ottoniana
CTR	Criswell Theological Review
DD	Manuscritos de Qumran – Documento de Damasco
DEB	Dizionario di Ebraico Biblico
DENT	Diccionario Exegético del Nuevo Testamento
DFil	Dicionário de Filosofia
DicF	Diccionario de Filosofia
Did	Didaskalia
DTAT	Dizionario Teologico dell'Antico Testamento
DV	Constituição Dogmática Dei Verbum
ECarm	Ephemerides Carmeliticae
ED	Euntes Docete
EstBib	Estudios Bíblicos
ETrin	Estudios Trinitarios
EstudTeol	Estudos Teológicos
ETeo	Esperienza e Teologia
ETL	Ephemerides Theologicae Lovanienses
EvQ	Evangelical Quarterly
ExAud	Ex Auditu
ExpTim	Expository Times
Fortvnatae	Fortvnatae: Revista canaria de Filología, Cultura y Humanidades Clásicas
GLAT	Grande Lessico dell'Antico Testamento
GLNT	Grande Lessico del Nuovo Testamento

Greg	Gregorianum
GTJ	Grace Theological Journal
Helmantica	Helmantica: Revista de Filología Clásica y Hebrea
HTR	Harvard Theological Review
HTS	Hervormde Teologiese Studies/Theological Studies
Humanitas	Humanitas: Revista de Estudios Clásicos
Hypnos	Revista Hypnos
IDB	The Interpreter's Dictionary of the Bible
IDS	In Die Skriflig
Int	Interpretation
ISBE	The International Standard Bible Encyclopedia
JBL	Journal of Biblical Literature
JETS	Journal of Evangelical Theological Society
JSHJ	Journal for the Study of the Historical Jesus
JSNT	Journal for the Study of the New Testament
JSS	Journal of Semitic Studies
JTS	Journal of Theological Studies
LASBF	Liber Annus Studii Biblici Franciscani
LTP	Laval Théologique et Philosophique
LXX	Septuaginta
MelT	Melita Theologica
Mensaje	Mensaje (Santiago)
NDTB	Nuevo Diccionario de Teología Bíblica
Neot	Neotestamentica
NIDNTT	The New International Dictionary of New Testament Theology
NovT	Novum Testamentum
NRTh	Nouvelle Revue Théologique
NTS	New Testament Studies
OR	L'Osservatore Romano
Pacifica	Pacifica: Australasian Theological Studies
Path	Pontificia Academia Theologica
PerspTeol	Perspectiva Teológica

PG	Patrologia Graeca
Phr	Phronesis
Principia	Principia
ProtestantRev	Protestantismo em Revista
PSV	Parola, Spirito e Vita
PV	Parole di Vita
PyR	Palabra y Razón
RB	Revue Biblique
ResQ	Restoration Quarterly
RevCulTeo	Revista de Cultura Teológica
RevIntPhil	Revue Internationale de Philosophie
RevScRel	Revue des Sciences Religieuses
RevTeoCiêncRel	Revista de Teologia e Ciências da Religião
RHPHR	Revue d'Histoire et de Philosophie Religieuses
RHT	Revista Humanística e Teologia
RiB	Rivista Biblica
RoczTeol	Roczniki Teologiczne
Romana	Boletín de la Prelatura de la Santa Cruz y Opus Dei
RRef	La Revue Réformée
RSR	Recherches de Science Religieuse
RStB	Ricerche Storico Bibliche
RTČ	Riječki Teološki Časopis
RThE	Revue Théologie Evangélique
RTLu	Rivista Teologica di Lugano
RTP	Revue de Théologie et de Philosophie
ScC	La Scuola Cattolica
Scr	Scriptura
ScrLum	Scripturae Lumen
ScrTh	Scripta Theologica
SémBib	Sémiotique et Bible
Semeia	Semeia Studies: Society of Biblical Literature
SQ	Status Quaestionis
StH	Studia Hierosolymitana

STJ	Stellenbosch Theological Journal
STJ	Scottish Journal of Theology
StPat	Studia Patavina
Str	Stromata
STV	Studia Theologica Varsaviensia
StZ	Stimmen der Zeit
Teo	Teocomunicação
Teol	Teología
Ter	Teresianum
TheolXave	Theologica Xaveriana
TJ	Trinity Journal
TJT	Toronto Journal of Theology
TTJ	Torch Trinity Journal
TV	Teología y Vida
TynBul	Tyndale Bulletin
VB	Vocabulário Bíblico
VD	Verbum Domini
VE	Vox Evangelica
Veritas	Veritas: Revista de Filosofía y Teología
VetE	Verbum et Ecclesia
VTB	Vocabulario de Teología Bíblica
VV	Verbum Vitae
ZKT	Zeitschrift für Katholische Theologie
ZNW	Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft
ZTK	Zeitschrift für Theologie und Kirche

PREFÁCIO

A presente investigação de Pedro Morais pretende mostrar o valor dos termos “Verdade e Salvação” e a relação entre eles no Quarto Evangelho. A investigação se divide em duas grandes partes: a primeira estuda o contexto literário, linguístico-semântico e teológico da afirmação de Jesus em Jo 14,6. Tendo criado um grande quadro de referência e aproveitando os dados já elaborados, a segunda parte se concentra na investigação do termo *Verdade* e na sua relação com o tema da *Salvação*, oferecendo uma análise sistemática da fórmula de autorrevelação “Eu sou” com a qual Jesus reivindica a sua origem divina.

O trabalho documenta como Verdade e Salvação são temas centrais da experiência religiosa e, portanto, sempre atuais. São também temas que dizem respeito ao homem enquanto tal, sempre colocado diante das questões existenciais. As respostas chegam de diferentes lados e de formas variadas. A fê também dá sua resposta, embora muitas vezes soe como uma voz fraca e ignorada, muitas vezes já não ouvida. No entanto, é justamente a sua dimensão que supera o tempo e o espaço, favorece uma perspectiva diferente que ultrapassa o relativismo do nosso tempo e a ilusão de que a verdade é apenas o consenso de uma maioria. Precisamos de respostas para as grandes questões da vida: Quem somos e de onde viemos? Qual é o significado da nossa presença neste mundo? Qual é o nosso destino? A essas questões existenciais aqui são oferecidas algumas respostas.

Desde as primeiras linhas se evidencia a capacidade do Autor em tratar o assunto e argumentar. É claro que, antes, houve um imenso trabalho de pesquisa e coleta de material: é suficiente olhar para o tamanho da bibliografia, que é muito extensa na variedade

de idiomas e na multiplicidade dos temas. Em seguida, nota-se, então, primeiro a capacidade de análise e, depois, a de síntese. O itinerário é correto e completo, com uma leitura tanto sincrônica (o texto assim como é) quanto diacrônica (método histórico-crítico), para chegar depois à interpretação teológica e também à vida espiritual do crente.

A riqueza do material examinado, a correta metodologia científica e a elegante formulação revelam uma maturidade acadêmica e uma capacidade de pesquisa que tornam a tese valiosa e merecedora de digno reconhecimento.

Prof. Dr. Mauro Orsatti

INTRODUÇÃO

Os escritos do Quarto Evangelho são, naturalmente, uma parte importante do Novo Testamento, tendo sua importância reforçada pela singularidade dos seus escritos e pelo que eles representam no conjunto da literatura e da teologia neotestamentária. Para além da singularidade que lhes é reconhecida, seus textos são uma das mais importantes fontes da teologia do Novo Testamento, sobretudo no que diz respeito à cristologia-soteriologia, pneumatologia e eclesiologia. A riqueza e a profundidade teológica que eles apresentam estão intrinsecamente ligadas à sua composição, às simbologias de que o evangelista se serve e ao desenvolvimento das temáticas veterotestamentárias, que, em muitas passagens, assumem uma nova significação.

Um dos princípios básicos desta teologia pode ser caracterizado pela “história da salvação”, que no decurso das narrativas é feita de eventos que precisam ser compreendidos pelos ouvinte-leitores. Não obstante isso, a compreensão do evento central torna-se uma interpretação que vai além do próprio evento e inclui uma mensagem que tem valor permanente na vida de todos os crentes de todos os tempos. É o Evento-Cristo, a obra de Jesus que entra na história da salvação como cumprimento e realização definitiva da aliança que Deus estabeleceu com o seu povo, testemunhada pela tradição veterotestamentária, podendo ser compreendida e superada à luz do “Espírito Paráclito”, o “Espírito da Verdade”, que recordará, ensinará e fará sempre presente as palavras e a vida de Jesus no interior dos crentes.

A proclamação destes eventos salvíficos se faz através de “sinais – σημεῖα” que se tornam síntese de toda a vida do Revelador, que é o único e verdadeiro “σημείων”, destinado não apenas a

informar, mas sobretudo a convidar o homem a fazer uma escolha perante sua oferta de vida que aguarda uma resposta, provocando, dessa maneira, o interior humano a decidir-se entre a aceitação e a rejeição. O ato de acolher Jesus se estabelece na vida humana como experiência de uma mudança existencial: o homem decide-se a “crer em Jesus” e a “aceitar a sua pessoa” como único Revelador e criador e como aquele que dá a vida e a salvação.¹ Desde os textos do Prólogo, o evangelista identifica Jesus com o Λόγος de Deus, que se encarnou e fez sua morada no meio dos homens (1,1.14.18), reiterando no desenvolvimento das narrativas a sua verdadeira identidade e origem. E o faz através do título “Filho de Deus”, das afirmações de autorrevelação “Eu sou”, evocando a identidade do próprio Deus no Antigo Testamento, assim como através de alusões às festas e instituições judaicas como cumpridas nele e através da narração dos sinais e de outros artifícios literários que expressam a revelação de Deus na pessoa de Jesus. No final do Evangelho, insiste na mesma ideia e conclui que “Jesus realizou na presença dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos”, e ainda especifica que “os sinais que foram escritos são testemunhos para que a humanidade possa crer que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo nele, o homem possa ter vida em seu nome” (cf. 20,30-31).² Jesus revela o rosto do Pai (1,18; 14,9); com ele é estabelecida uma nova criação que supera a impotência do homem pecador (1,17; 15,5b), tornando-o capaz de encontrar

¹ J. CHAPA, *Los signos de Jesús*, in Id. (ed), *Introducción a los escritos de san Juan. Evangelio, cartas y Apocalipsis*, EUNSA, Pamplona 2011, pp. 113-114.

² As traduções dos textos bíblicos, “em sua maioria”, serão apresentadas em conformidade com as versões da Bíblia de Jerusalém e da nova tradução oficial da CNBB (cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, Paulinas, São Paulo 1985; BÍBLIA SAGRADA – TRADUÇÃO OFICIAL DA CNBB, CNBB, Brasília 2019²). Os textos em grego e hebraico são apresentados segundo as versões: BÍBLIA SACRA, *Utriusque Testamenti, Editio Hebraica et Graeca*, Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart 2001²⁷; NESTLE-ALAND, *Novum Testamentum Graece et Latine*, Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart 2014²⁸.

Deus por meio da fé naquele que comunica a Vida como dom, a Vida do próprio Deus, oferecida como salvação para os que creem.

É na declaração de Jesus “ἐγώ εἰμι ἡ ὁδὸς καὶ ἡ ἀλήθεια καὶ ἡ ζωὴ· οὐδεὶς ἔρχεται πρὸς τὸν πατέρα εἰ μὴ δι’ ἐμοῦ – Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém pode ir ao Pai senão por mim” (14,6) que se encontra o sumário desta salvação centrada na própria pessoa de Jesus. Esta afirmação tem a ver com a natureza da soteriologia contida nos textos do Evangelho. Por essa razão, a presente investigação centrará seus esforços em identificar o conceito de “Verdade – ἀλήθεια” e em especificar sua relação com o tema da “salvação”, porquanto nesta afirmação de autorrevelação o evangelista sugere que não há “salvação-vida” sem passar por Jesus. Além disso, para um verdadeiro seguidor de Jesus Cristo, não basta acreditar no Pai, visto que não haverá o Pai sem o Filho, e somente o Filho, o autêntico Revelador do Pai, é a Lei final do sentido divino: Caminho, Verdade e Vida.³

1. Objeto de estudo e finalidade da pesquisa

O tema geral desta pesquisa é “Verdade e salvação” no Evangelho segundo João, sendo apresentada no semestre primavera de 2021 à FTL (Facoltà di Teologia di Lugano) (Suíça) para obtenção do grau de doutor em Teologia, sob o título “Verdade e salvação, a noção de ἀλήθεια e a sua relação com a dimensão soteriológica no Quarto Evangelho a partir do texto de 14,6”, objeto material que define toda a investigação.

Para estabelecer essa relação entre os termos “verdade e salvação”, serão identificados, nos textos do Evangelho, elementos semânticos e teológicos que possuem o mesmo foco: a centralidade de Cristo no que se refere ao tema da “Verdade” e sua relação com

³ J.C. NEVES, *Escritos de São João*, Universidade Católica, Lisboa 2004, p. 227.

a soteriologia. Esses elementos darão um harmônico testemunho sobre a pessoa de Jesus, o Filho de Deus, o Salvador, que é a Verdade (14,6), em virtude de residir nele em plenitude a realidade divina, que realizou em sua pessoa a plenitude da realidade humana.

A investigação não terá como objetivo apontar a relação entre Deus e a Verdade, sendo Deus a Verdade implicitamente evidenciada pelo evangelista no contexto das narrativas, mas centrará seus esforços em compreender o conceito de “Verdade” e a sua relação com o tema da “salvação” voltada à pessoa de Jesus no conjunto dos textos do Evangelho, porquanto o autor sagrado põe em destaque a noção de “ἀλήθεια – Verdade” em consequência da fé cristã na pessoa de Jesus, o Messias, Filho de Deus, Senhor e Salvador. Assim, é importante destacar que o objetivo específico deste trabalho é compreender a noção de ἀλήθεια e sua relação com o tema da “salvação”. Para isso, a investigação contemplará alguns âmbitos em seu desenvolvimento:

- Investigar o contexto literário, a estrutura e os temas que constituem o quadro temático em que se encontra a declaração de Jesus em 14,6.
- Apresentar um estudo lexical, semântico e teológico dos textos de 13,31–14,31, destacando os aspectos exegético-teológicos, permitindo uma ampla visão do conteúdo do discurso de Jesus e favorecendo de modo particular a dinâmica interpretativa da sua declaração em 14,6.
- Examinar a declaração de Jesus em 14,6 e apresentar um estudo lexical, semântico e teológico acerca dos ditos de autorrevelação “ἐγώ εἰμι”, como exegese da Verdade, tal como dos vocábulos “ὁδός – Caminho” e “ζωή – Vida ou Vida eterna”, com a finalidade de decifrar a importância dos termos para obter um significado mais exato de ἀλήθεια e o seu sentido teológico nos textos do Evangelho.

- Examinar de forma sistemática, mapeando sintática e semanticamente o profuso uso do vocábulo ἀλήθεια nas narrativas do Evangelho, suas possíveis dependências culturais, seu significado teológico e sua relação com o tema da “salvação”.
- Especificar o conceito de “Verdade” e de “fé cristológica”, isto é, o lugar da Verdade na vida dos que creem, demarcando explicitamente o desafio do anúncio e vivência da Verdade em todos os tempos na vida e missão dos cristãos.

O objeto formal da pesquisa é o estudo dos textos sob a análise própria da teologia bíblica, a qual leva em consideração o texto de 14,6 como ponto de encontro da concepção de Verdade como Verdade encarnada (1,14) no meio dos homens. A tese é a de que a afirmação de Jesus: “Eu sou o Caminho a Verdade e a Vida” (14,6a) é a síntese dessa salvação centrada em Jesus.

2. Por que investigar o tema da “Verdade” e sua relação com o tema da “salvação” no Quarto Evangelho?

A Verdade e a salvação são temas centrais em toda experiência religiosa. Elas pertencem à própria estrutura e identidade do fenômeno humano, encontrando suas expressões e acentos nas múltiplas formas em que a “experiência dos limites” toca a realidade humana. A humanidade continua a ter diante de si uma série de questões, conhecidas como existenciais, provocando muitos estudiosos, líderes e organizações a oferecerem respostas às ansias da procura pela Verdade, pela vida e pelo futuro. Nesse processo, há que reconhecer que a fé aparece como um espaço que, apesar de não parecer seguro, consegue superar aquilo que as ciências naturais e o mundo atual, aparentemente completo, não conseguem, pelas suas limitações e finitudes, oferecer ao homem. No entanto, nos tempos atuais, o homem, na sua eloquente procura

pela Verdade, é influenciado pelo relativismo, fruto da mentalidade moderna que consolidou a ideia de que não há nada que seja simplesmente verdadeiro ou bom em si, tornando o conceito de “Verdade” muitas vezes algo geral e chegando a substituí-lo pela decisão de uma maioria.

O problema que envolve a questão acerca da Verdade e da salvação põe em jogo o destino da humanidade. Desde que passamos a ter conhecimento da nossa própria existência, tornou-se comum a nós o questionamento sobre nós mesmos, sobre nossas origens, sobre nossa presença na terra e sobre nosso futuro. Essas são de forma sucinta as quatro grandes interrogações inscritas no pensamento do homem acerca de si e daqueles que o rodeiam. Enquanto princípios existenciais, essas quatro perguntas tornaram-se indissociáveis das dinâmicas da fé. As certezas ou as incertezas, a ausência ou a existência de fé são, assim, parte do processo de procura da Verdade sobre o homem e sobre Deus.⁴

Diante dessa realidade, presume-se que a questão da Verdade se torna um dos grandes desafios e preocupações da Igreja. O relativismo posiciona a humanidade diante de certo empirismo e utilitarismo que lhe fecha a possibilidade de chegar ao conhecimento da Verdade, conduzindo à intolerância quando colocada a questão de Deus, transformando-se no problema central que a fé cristã precisa atravessar em nossos dias, porquanto impede o homem de conhecer a Verdade.⁵

No campo pastoral, muitos cristãos parecem carregar uma concepção limitada da sua fé, às vezes até superficial, expressando-a

⁴ D. TESSORE, *Bento XVI, Pensamento Ético, Político e Religioso*, Temas e Debates, Lisboa 2007, p. 22.

⁵ J. RATZINGER, *Homilia do Cardeal Joseph Ratzinger, Decano do Colégio Cardenalício, na Santa Missa Pro Eligendo Romano Pontífice*, OR, 17 (23 de abril de 2005), p. 2; J. SÁNCHEZ CAÑIZARES, *Razón y fe en la fundación del comprender. Reflexiones desde el Magisterio de Benedicto XVI*, ScrTh, 40 (2008), p. 862; P. BLANCO SARTO, *La razón en el cristianismo, una reivindicación de Joseph Ratzinger*, ScrTh, 37/2 (2005), pp. 654-656.

como mero sistema de crenças e de valores e não como o encontro com um Deus, que se revelou na história desejoso de comunicar-se intimamente com o homem.⁶ Por conseguinte, urge a necessidade de revisitar a centralidade do conceito de Verdade e a sua relação com a questão da salvação, transmitindo-os não somente para a comunidade dos crentes como também para todo o mundo. Isso semeia na sociedade a ideia de que a fé cristã não se preocupa exclusivamente com aquilo que é eterno, mas mais com o fato de que Deus se fez homem, revelou-se e mostrou ao homem a grandiosidade da própria natureza e sua capacidade de amar e de se doar ao próximo.

O âmbito em que se centralizará a presente investigação é a Sagrada Escritura, considerada como “a alma de toda a teologia”,⁷ podendo contribuir para uma melhor compreensão da fundamentação teológica da própria identidade humana, cristã e eclesial. A Verdade sobre o homem e a sua salvação está bem expressa nos textos sagrados, como resposta àquilo que o íntimo da sua natureza humana reclama: ele foi feito para a Verdade e chamado para conhecer a Verdade.⁸ A noção de Verdade no Quarto Evangelho prefigura o conceito mais representativo da teologia bíblica, pelo fato de ser um conceito absoluto, incompatível com os conceitos do relativismo ou pluralismo. A noção de Verdade indica no decurso das narrativas ricos testemunhos, nos quais se podem ecoar valorosas respostas para a necessidade de orientar o homem para aquilo que é verdadeiro, fazendo conhecer a Palavra de Deus encarnada na vida de Jesus (1,1), isto é, a Verdade personificada (14,6), na qual todo homem pode alcançar a liberdade (8,32) e consequentemente a sua salvação.

⁶ PAPA BENTO XVI, *O mundo, o homem e a fé. Como responder com doçura ao ateísmo prático que ofusca o horizonte ético*, OR, 46 (17 de novembro de 2012), n. 2.238, p. 4.

⁷ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Decreto *Optatam Totius*, (28 de outubro de 1965), n. 16, in *AAS* LVIII (1966), p. 723.

⁸ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Fides et Ratio* (14 de setembro de 1998), n. 1, in *AAS* XCI (1999), p. 5.

3. *Status quaestionis*

O conceito de ἀλήθεια no Quarto Evangelho tem sido objeto de estudos singulares, em razão de distinguir-se substancialmente dos demais textos do Novo Testamento, a começar pelo alto número de citações, mas, sobretudo, pelos conteúdos teológicos. Ao longo da história da exegese, quase todos os exegetas do século XIX e da primeira metade do século XX, incluindo Rudolf Bultmann e Charles Harold Dodd, defenderam a tese de que nos textos do Quarto Evangelho havia influência ou dependência do pensamento platônico e correspondente dualismo helênico. No entanto, o exegeta Ignace de La Potterie, que dedicou grande parte da sua vida à pesquisa do tema da “Verdade” nos textos do Quarto Evangelho e nas Cartas de João, torna-se incontestável nesta questão.⁹ Os resultados das suas investigações desconstruem o “mito” da dependência do conceito de “Verdade” da tradição platônica e do dualismo helênico e gnóstico, compreendendo o tema a partir da Verdade bíblica e, sobretudo, dos textos do judaísmo posterior, seja dos sapienciais, seja dos apocalípticos, bíblicos e extrabíblicos.¹⁰

Embora no âmbito literário não haja dúvidas da existência de pontos de contato entre, de um lado, a literatura platônica e o dualismo helênico e, do outro, a literatura do Quarto Evangelho e das Cartas de João, constata-se que tais paralelos são apenas aparentes, porque “a concepção de ἀλήθεια” não tem apenas a ver com as fontes literárias, como também com a “reinterpretação profunda

⁹ Seu primeiro trabalho aparece em 1949, intitulado *De sensu vocis “emet in Veteri Testamento”*. No ano de 1977 é publicada a sua obra em dois volumes, que recebe o título de *La vérité dans saint Jean* (cf. I. DE LA POTTERIE, *De sensu vocis emet in VT*, VD, 27 [1949], pp. 336-354; Id., *De sensu vocis emet in VT*, VD, 28 [1950], pp. 29-42; Id., *La Vérité dans Saint Jean*, Pontifício Istituto Biblico, Roma 1999).

¹⁰ G. MARCHESI, *La verità nel Vangelo di San Giovanni*, OR, 129 (18 de fevereiro de 1978), n. 3064, pp. 349-352; J.C. NEVES, *A verdade em S. João*, Did, 33 (2003), pp. 20-21.

da terminologia” apresentada pelo autor neotestamentário. A originalidade do autor do Quarto Evangelho na temática acerca da Verdade, como em tantas outras, não consiste no vocabulário, mas sim na semântica dos termos.¹¹

No decurso da literatura bíblica, é possível identificar que a noção de “Verdade” passa por um processo de evolução. Se no Antigo Testamento a Verdade é antes de tudo a fidelidade à aliança, no Novo Testamento ela se tornará a plenitude da revelação centrada em Cristo, relacionada com a Lei e com a Palavra de Deus. Por esta razão, uma leitura superficial dos textos do Quarto Evangelho pode levar-nos facilmente a conclusões errôneas (dependência do pensamento platônico e correspondência com o dualismo helênico) devido à insistência do evangelista na transcendência de Jesus, na vida em Deus, no contraste entre Cristo, que é “do alto”, e os homens, que são “de baixo” (8,23).

4. Método exegético e abordagem

Esta investigação é situada no âmbito da teologia bíblica. Todavia, sem negar a complexa história redacional dos textos bíblicos, o presente estudo fará uso dos métodos próprios da ciência exegética, tal como indicada pela Pontifícia Comissão Bíblica, ou seja, um estudo dos textos sagrados com toda a sensibilidade histórica que lhes é devida.¹²

O mais importante em uma obra literária é sua estrutura e seu argumento. É na estrutura e no argumento que reside a mensagem. Todos os demais elementos podem ser preciosos, mas são sempre secundários em relação ao texto e como ele chega aos seus

¹¹ I. DE LA POTTERIE, *La Vérité dans Saint Jean*, pp. 1005-1008.

¹² PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A Interpretação da Bíblia na Igreja* (15 de abril de 1993), Paulinas, São Paulo 2006^o, pp. 37-46.53.

interlocutores. O texto fala mais alto do que o seu autor, a sua datação, o seu destinatário primeiro e as fontes literárias que o servem. Portanto, presume-se que a sincronia de um texto deve ter a primazia sobre a diacronia do mesmo, porquanto a sincronia revela a mensagem através da sua estrutura ou arquitetura. À vista dos pontos e das questões peculiares que brotam do específico deste estudo, opta-se predominantemente pelo método da abordagem sincrônica, ou seja, os textos do Evangelho na sua forma atual – “o texto canônico” –, e não o seu processo de desenvolvimento ao longo da história, de modo a evidenciar o contributo singular destes escritos no que tange ao conhecimento da pessoa de Jesus e da mensagem evangélica.

Embora o foco da investigação não se encontre no problema das fontes e da redação dos textos do Evangelho, serão também valorizados os resultados do método histórico-crítico – abordagem diacrônica –, complementados com a contribuição das abordagens sincrônicas, as análises de estrutura literária, narrativa, morfossintática e semântica dos textos, assim como o contributo de outros estudos pesquisados ao longo da investigação.¹³ Esta opção metodológica está estreitamente unida a uma questão hermenêutica: se a tradição acerca dos fatos e gestos de Jesus foi consignada em um livro para consolidar a fé dos cristãos na pessoa de Jesus Cristo, Filho de Deus (20,30-31), a interpretação do texto sagrado não pode deixar de ser teológica, ou seja, explicitamente aberta às instâncias da fé na consciência da própria função eclesial, ou seja, uma reflexão sobre a revelação no âmbito da fé a serviço do anúncio e atenta à tradição da Igreja e do seu magistério.¹⁴

¹³ W. EGGER, *Lecturas del Nuevo Testamento*, Verbo Divino, Estella (Navarra) 1990, pp. 94-95.

¹⁴ I. DE LA POTTERIE, *L'esegesi biblica, scienza della fede*, in ID. – R. GUARDINI – J. RATZINGER “ET AL.” (edd), *L'esegesi cristiana oggi*, L. Pacomio, Piemme, Casale Monferrato 2000³, pp. 151-165.

5. Estrutura da pesquisa

Diante da amplitude dos textos em si e da respectiva problemática, bem como da importância teológica que a declaração de Jesus em 14,6 ocupa no conjunto literário do Evangelho, a presente pesquisa será dividida em duas partes e subdividida em quatro capítulos, procurando atentamente responder aos elementos constitutivos que apresentam a noção de “ἀλήθεια – Verdade”, segundo os textos do Quarto Evangelho e sua relação com o tema da “salvação”.

A primeira parte da pesquisa é intitulada “o contexto literário, léxico-semântico e teológico de Jo 14,6” e é constituída por dois capítulos.

O *capítulo primeiro* se propõe a assinalar, em caráter introdutório, as questões e os problemas que envolvem em si os textos do Quarto Evangelho, assim como colocar em destaque a estrutura temática que compõe as duas grandes partes dos textos e o ponto de transição entre ambas. Em seguida, analisará o contexto literário das últimas palavras de Jesus em seu ministério terreno, o gênero literário destes discursos, a sua macroestrutura em 13,1–17,26, procurando colocar em destaque o ensinamento de Jesus aos seus discípulos em 13,31–14,31 e sua delimitação e articulação temáticas, a fim de constituir um quadro temático que permita a compreensão do ambiente literário em que se encontra a declaração de Jesus em 14,6: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém pode ir ao Pai senão por mim”.

O *capítulo segundo* comportará um estudo léxico-semântico e teológico dos discursos de despedida em 13,31–14,31, utilizando exercícios técnico-literários de análise em três etapas: sintática, semântica e comunicativa. Ou seja, trata-se de mapear a sintática e a semântica do texto, de modo a ler nele o significado e a mensagem das palavras de Jesus dirigidas aos seus discípulos no momento iminente à sua partida, favorecendo a dinâmica interpretativa não apenas da subseção 14,1-14 como também, em particular, do texto de 14,6.

A segunda parte da pesquisa se concentrará especificamente na investigação do conceito de ἀλήθεια e de sua relação com o tema da “salvação” nos textos do Evangelho. Para isso, o estudo será dividido em dois capítulos, que se empenharão em analisar sistematicamente a fórmula de autorrevelação “ἐγώ εἰμι – eu sou”, a qual reivindica a origem divina de Jesus, e os atributos “ὁδός – Caminho”, “ἀλήθεια – Verdade” e “ζωή – Vida”, aplicados à pessoa de Jesus para destacar respectivamente suas três funções: Mediador, Revelador e Salvador.

O *capítulo terceiro* realizará uma leitura minuciosa e detalhada da expressão “Ἐγώ εἰμι ἡ ὁδὸς καὶ ἡ ἀλήθεια καὶ ἡ ζωή”, seguida de uma análise sintática, semântica e teológica, com a finalidade de decifrar a importância das expressões “ἐγώ εἰμι”, “ἡ ὁδός” e “ἡ ζωή” para o significado mais exato de ἀλήθεια e seu sentido teológico presente nos textos do Quarto Evangelho.

O *capítulo quarto*, em seu caráter conclusivo de considerar a intrínseca relação entre a cristologia e a soteriologia, procurará examinar de forma sistemática o profuso uso do vocábulo ἀλήθεια, conservando a utilização de exercícios técnico-literários apoiados no dinamismo da análise léxico-semântica e teológica, indicando o significado do termo ἀλήθεια, suas possíveis dependências culturais, seu significado teológico e sua relação com o tema da “salvação”. O destaque da investigação cairá sobre o conteúdo cristológico e soteriológico da declaração de Jesus em 14,6, a qual estabelece um esboço teológico do plano histórico-salvífico de todo o Quarto Evangelho, assim como do papel da Verdade na vida do crente, e a exigência da salvação que provoca em cada cristão um ato consciente de decisão pela fé em Jesus Cristo, aquele que proclama: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”.¹⁵

¹⁵ R. FERRI, *Gesù e la Verità. Agostino e Tommaso interpreti del Vangelo di Giovanni*, Città Nuova, Roma 2007, pp. 23-30.

A pesquisa a ser apresentada contribuirá com um melhor entendimento do essencial cristão a partir de textos do Novo Testamento. Ao longo da história da exegese, observa-se também uma lacuna no campo do estudo da teologia bíblica no que diz respeito ao tema da “Verdade” e à sua relação com o evento histórico-salvífico: Jesus Cristo. Se, por um lado, isso foi feito quanto a temas teológicos, por outro, observa-se que essa relação entre “Verdade” e “salvação” é um campo ainda a ser explorado biblicamente. Justamente nessa lacuna entra a presente pesquisa: relacionar os conceitos de “Verdade e sua relação com a salvação” a partir de textos, utilizando abordagens sincrônicas em complementação ao método histórico-crítico, a fim de garantir resultados exegéticos eficazes. Diante de um mundo contemporâneo marcado pelo relativismo e pela intolerância, urge a necessidade de voltar o olhar às fontes, de revisitar o que é essencial, por vezes dado como sabido, a fim de melhor compreender a fundamentação teológica da própria identidade cristã e eclesial. Por exemplo, que é Jesus a única Verdade, a verdadeira Vida, o verdadeiro Caminho – a salvação –, que é ao mesmo tempo um ato do poder de Deus e um ato de responsabilidade humana.

PRIMEIRA PARTE

O CONTEXTO LITERÁRIO, LÉXICO-SEMÂNTICO E TEOLÓGICO DE JO 14,6

CAPÍTULO PRIMEIRO

O CONTEXTO LITERÁRIO DE JO 14,6

Introdução

Os textos do Quarto Evangelho possuem grande valor, sobretudo por aquilo que são por si só: expressão de identidades crentes, formas de viver a fé, dimensões encarnadas, históricas e culturais diferentes e complementares de outros escritos do Novo Testamento (sinóticos, textos de Paulo, grupos palestinos ligados a Pedro e a Tiago).¹ No decurso das narrativas, é possível identificar os elementos que constituíram a estrutura originária do “querigma apostólico”, isto é, o primeiro anúncio sobre a vida e a obra de Jesus, especialmente a proclamação da salvação pela fé no Senhor Ressuscitado, que se encontram nos discursos dos Atos dos Apóstolos (cf. At 2,14-36; 3,12-26; 4,8-12; 5,29-33; 10,34-43; 13,16-41).

¹ C.H. DODD, *Le Kérygme apostolique dans le quatrième évangile*, RHPHR, 31 (1951), pp. 265-274; Id., *The Interpretation of the Fourth Gospel*, Cambridge University Press, Cambridge 1998¹⁸, pp. 384-389; R.E. BROWN, *The Kerygma of the Gospel according to John. The Johannine View of Jesus in Modern Studies*, Int, 21 (1967), pp. 387-389; D.R. CARNEGIE, *Kerygma in the Fourth Gospel*, VE, 7 (1971), pp. 39-74; R. SCHNACKENBURG, *Il Vangelo di Giovanni I*, Paideia, Brescia 1973, pp. 22-52; I. DE LA POTTERIE, *Structure du Prologue de Saint Jean*, NTS, 30 (1984), p. 361; F. MANNS, *L'évangile de Jean à la lumière du Judaïsme*, Franciscan, Jerusalem 1991, pp. 10-11; J. ZUMSTEIN, *L'Évangile Johannique: une stratégie du croire*, in Id. (ed), *Miettes Exégétiques 17*, Labor et Fides, Genève 1991, pp. 238-239.

Esses elementos essenciais são:²

- A aparição de João Batista convidando à conversão (1,19-28).
- A alusão à vinda do Espírito Santo sobre Jesus, que o revelou como Messias e Servo de Deus (1,29-34).
- A proclamação do Reino de Deus e a realização dos “sinais” que manifestam “o poder e a glória” em Jesus, aquele que foi enviado por Deus (2,11.23; 3,2.5; 12,37).
- O ministério de Jesus na Galileia (1,43–2,12; 4,3.46-54; 6,1-71) e em Jerusalém (2,13–3,21; 5,1-47; 7,1–12,50).
- A história da paixão, morte e ressurreição (18,1–20,10).
- As manifestações de Jesus ressuscitado aos seus discípulos e a missão confiada aos apóstolos e o dom do Espírito Santo (20,19-31).

O querigma é a mensagem salvadora central do Quarto Evangelho. No texto de 20,31 o autor sagrado afirma em termos salvíficos o propósito para o qual foi escrito: “ἵνα πιστεύητε ὅτι Ἰησοῦς ἐστὶν ὁ χριστὸς ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ, καὶ ἵνα πιστεύοντες ζωὴν ἔχητε ἐν τῷ ὀνόματι αὐτοῦ – para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a Vida em seu nome”. O uso do verbo “πιστεύω – crer ou acreditar” no presente pode ser lido

² X. LÉON-DUFOUR, *Os Evangelhos e a história de Jesus*, Paulinas, São Paulo 1972, pp. 101-102: se reduzir o querigma pascal a seus traços essenciais, os textos do Quarto Evangelho põem em foco a existência concreta e os ensinamentos de Jesus. J. BLINZLER, *Il processo di Gesù*, Paideia, Brescia 1966, pp. 198-214.302; M.-E. BOISMARD, *Le Nouveau Testament*, Desclée, Paris 1997, pp. 37-45; F.J. MOLONEY, *The Fourth Gospel and the Jesus of History*, NTS, 46 (2000), pp. 42-58; G. JOSSA, *Il processo di Gesù*, Paideia, Brescia 2002, pp. 57-61; M. PALINURO, *Tu chi sei? Le autorivelazioni di Cristo nel Vangelo di Giovanni*, Città Nuova, Roma 2010, pp. 278-281; G. MLAKUZHYYIL, *Christocentric Literary-Dramatic Structure of John's Gospel*, Gregorian & Biblical, Roma 2016², pp. 351-352; R.A. CULPEPPER – J. FREY (edd), *Expressions of the Johannine kerygma in John 2:23-5:18. Historical, Literary, and Theological Readings from the Colloquium Ioanneum 2017 in Jerusalem*, Mohr Siebeck, Tübingen 2019.

como “continuar a ter fé, acreditar”, e o aoristo poderia significar “pode vir a ter fé”. Por essa razão, vê-se que todo o Evangelho deixa transparecer uma estrutura de manifestação ou revelação da pessoa de Jesus. Sua composição é realizada de tal modo que produz o efeito de manifestação, trazendo à tona aquilo que ainda não estava manifesto (1,1-18).³

Ademais, é possível sublinhar outra contribuição muito importante para todo o Novo Testamento, que é a sua riqueza literária, o simbolismo e a espiritualidade que os textos representam, oferecendo aos leitores o testemunho de novas “categorias” (novas identidades) no campo da fé e da vivência da comunidade em Jesus. Providos de características particulares, os textos possuem gênero, estilo, temática, vocabulário próprios e simples, às vezes repetitivo, porém com amplo vigor teológico, marcado pela utilização de abundantes elementos do Antigo Testamento. No que se refere ao amplo vigor teológico dos textos, observa-se que utilizam um estilo imediato ou movimentado, abstrato e doutrinal, caracterizado por um pensamento que retorna e se amplia progressivamente; porém, é um estilo solene e repetitivo, em que os diálogos de Jesus se transformam quase em monólogos, concentrando o ouvinte-leitor naquilo que é essencial. Os textos possuem características marcadas pelo uso de uma linguagem simbólica, pela alternância dos gêneros literários poético e narrativo, por palavras com duplos significados, pela recorrência de mal-entendidos, ironia, assim como pelo uso de recursos estilísticos típicos da poesia semítica, como: inclusões, quiasmos, paralelismos e um modo de expressão caracterizado pela antítese. Possuem ainda um modo específico de

³ J. KONINGS, *A memória de Jesus e a manifestação do Pai no Quarto Evangelho*, PerspTeol, 20 (1988), p. 181; M. MAZZEO, *Vangelo e lettere di Giovanni. Introduzione, esegesi e teologia*, Paoline, Milano 2007, pp. 21-25; J. MATEOS – J. BARRETO, *O Evangelho de São João. Análise linguística e comentário exegético*, Paulus, São Paulo 2015⁴, p. 6.

falar e de pensar a história de Jesus, no qual o estilo e a teologia caminham juntos.⁴

A profunda riqueza da teologia do Quarto Evangelho está intrinsecamente ligada à composição dos textos, às imagens simbólicas de que o autor se serve e ao desenvolvimento das temáticas do Antigo Testamento, que em muitas passagens assumem uma nova interpretação, dando continuidade ao projeto de salvação do

⁴ M. GRILLI, *Il Vangelo secondo Giovanni. Elementi di introduzione e teologia*, EDB, Bologna 2016, pp. 33-34; C. DOGLIO, *La testimonianza del discepolo. Introduzione alla letteratura giovannea*, Elledici, Torino 2018, pp. 77-83; J.H. MOULTON – N. TURNER, *A Grammar of New Testament Greek IV*, Style, T&T Clark, Edinburgh 1976, p. 76; R. SHEDD, *Multiple Meanings in the Gospel of John*, in G.F. HAWTHORNE (ed), *Current Issues in Biblical and Patristic Interpretation. Studies in Honor of Merrill C. Tenney*, Eerdmans, Grand Rapids 1975, pp. 256-257; C.K. BARRETT, *The Gospel according to St. John. An Introduction with Commentary and notes on the Greek Text*, Westminster, Philadelphia 1978², pp. 5-15; S.M. SCHNEIDERS, *History and Symbolism in the Fourth Gospel*, in M. DE JONGE (ed), *L'Évangile de Jean. Sources, Redaction, Théologie*, Louvain University Press, Louvain 1977, pp. 371-376; R.A. CULPEPPER, *Anatomy of the Fourth Gospel. A Study in Literary Design*, Fortress, Philadelphia 1983, pp. 6-7.165; P.D. DUKE, *Irony in the Fourth Gospel. The Shape and the Function of a Literary Device*, John Knox, Atlanta 1985, pp. 13-14; A. GARCÍA-MORENO, *Autenticidad e historicidade del IV Evangelio*, *ScrTh*, 23 (1991), pp. 13-16; J.-O. TUÑÍ – X. ALEGRE, *Escritos Joánicos y Cartas Católicas*, Verbo Divino, Estella (Navarra) 1995, pp. 20-24; ID., *Quin és el gènere literari de l'Evangelí segons Joan? Sentit del format narratiu de l'Evangelí Joànic*, *RCT*, 35 (2010), pp. 105-132; J.N. ALETTI, *La cristologizzazione negli scritti giovannei*, in ID. (ed), *Gesù Cristo: unità del Nuovo Testamento?*, Borla, Roma 1995, pp. 217-238; J.G. VAN DER WATT, *Family of the King. Dynamics of Metaphor in the Gospel according to John*, Brill, Leiden 2000, pp. 87.310; ID., *Johannine Style. Some Initial Remarks on the Functional Use of Repetition in the Gospel according to John*, *IDS*, 42 (2008), pp. 75-99; G. VAN BELLE, *Prolepsis in the Gospel of John*, *NovT*, 43 (2001), pp. 334-347; J. FERREIRA, *Johannine Ecclesiology*, Sheffield Academic, Sheffield 1998, pp. 26-27; J. JOUBERT, *Johannine Metaphors/Symbols Linked to the Paraclete-Spirit and their Theological Implications*, *AcT*, 1 (2007), pp. 85-87; J. ZUMSTEIN, *El Evangelio según Juan*, in D. MARGUERAT (ed), *Introducción Al Nuevo Testamento, su historia, su escritura, su teología*, Desclée de Brouwer, Bilbao 2008, pp. 355-356; F.J. MOLONEY, *Teologia joanina*, in R.E. BROWN – J.A. FITZMYER – R.E. MURPHY (edd), *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo. Novo Testamento e artigos sistemáticos*, Academia Cristã, Paulus, Santo André, São Paulo 2011, p. 1648.

povo de Israel.⁵ Embora as narrativas do Evangelho não cite frequentemente os textos do Antigo Testamento, o uso que ele faz dos textos veterotestamentários é caracterizado por um número extraordinário de alusões a imagens, personagens e instituições referenciadas da antiga aliança, como: a videira, o maná no deserto, a serpente, Abraão, Jacó, Moisés, o templo, o tabernáculo, a Páscoa.⁶ Os textos introduzem citações do Antigo Testamento somente nos relatos acerca da pessoa de Jesus, especialmente sobre o fim do seu ministério, que dá continuidade às Escrituras e constitui o seu cumprimento (12,15.38.40; 19,24; 36,37). O uso multiforme das citações do Antigo Testamento caminha junto com uma variedade de fórmulas introdutórias ou conclusivas, como é possível atestar em 1,23.⁷

⁵ R. SCHNACKENBURG, *Il Vangelo di Giovanni I*, pp. 151-154; J. BEUTLER, *L'ebraismo e gli Ebrei nel Vangelo di Giovanni*, Pontificio Istituto Biblico, Roma 2006; C.K. BARRETT, *The Old Testament in the Fourth Gospel*, JTS, 48 (1947), pp. 155-169; R.L. MORGAN, *Fulfilment in the Fourth Gospel. The Old Testament Foundations: an Exposition of John 17*, Int, 11/2 (1957), pp. 155-165; R.H. SMITH, *Exodus Typology in the Fourth Gospel*, JBL, 81/4 (1962), pp. 329-342; M.C. TENNEY, *The Old Testament and the Fourth Gospel*, BSac, 120 (1963), pp. 300-308; M. HENGEL, *The Old Testament in the Fourth Gospel*, BHT, 12 (1990), pp. 19-41; A.T. HANSON, *The Prophetic Gospel: A Study of John and the Old Testament*, T&T Clark, Edinburgh 1991, pp. 95-97; S.J. CASSELLI, *Jesus as eschatological Torah*, TJ, 18 (1997), pp. 15-41; M.J.J. MENKEN, *Observations on the Significance of the Old Testament in the Fourth Gospel*, Neot, 33 (1999), pp. 125-143; A. WUCHERPFENNIG, *Tora und Evangelium*, StZ, 221/7 (2003), p. 488; G.T. MANNING JR, *Echoes of a Prophet, The Use of Ezekiel in the Gospel of John and in Literature of the Second Temple Period*, T&T Clark, London, New York 2004, pp. 1-2; D.G. VAN DER MERWE, *Old Testament Spirituality in the Gospel of John*, VetE, 35 (2014), pp. 1-3.

⁶ D.A. CARSON – D.J. MOO – L. MORRIS, *Introdução ao Novo Testamento*, Vida Nova, São Paulo 2007⁹, p. 200; P. PERKINS, *Evangelho Segundo João*, in R.E. BROWN – J.A. FITZMYER – R.E. MURPHY (edd), *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*, p. 733; J. BEUTLER, *The Use of "Scripture" in the Gospel of John*, in R.A. CULPEPPER – C.C. BLACK (edd), *Exploring the Gospel of John*, Westminster, Louisville 1996, pp. 147-162.

⁷ M.J.J. MENKEN, *Old Testament Quotations in the Fourth Gospel. Studies in Textual Form*, Pharos, Kampen 1996, pp. 12-18. É possível constatar isso também em: X. PIKAZA – F. DE LA CALLE, *Teología de los Evangelios de Jesús*, Sígueme,

As narrativas do Quarto Evangelho possuem um grande valor histórico e, de certa forma, divergem dos textos sinóticos. Não somente pelo quadro cronológico e pelo plano geográfico que se dá a narração da vida de Jesus, mas sobretudo por perspectivas teológicas diferentes.⁸ A preeminência dos textos do Evangelho em relação aos textos sinóticos se deve ao seu caráter eminentemente teológico, porquanto o interesse do autor do Evangelho é a fé na pessoa de Jesus Cristo e o seu significado salvífico, ou seja, uma exigência cristológico-soteriológica.⁹ O plano do Evangelho é mais amplo que os textos sinóticos e poderia ser o mais exato. Por esta razão, marca e define uma via própria, um caminho específico de acesso e de vivência da fé.¹⁰

As questões que envolvem todo o conjunto do Quarto Evangelho são bem mais complexas: autoria, fontes, unidade; as soluções, portanto, também são complexas. Os pontos centrais que

Salamanca 1977, p. 361; D.M. SMITH, *Johannine Christianity. Essays on its Setting, Sources, and Theology*, University of South Carolina, Columbia 1984, pp. 95-172; F.F. RAMOS, *Evangelio según san Juan*, in S. GUIJARRO OPORTO – M. SALVADOR GARCÍA (edd), *Comentario al Nuevo Testamento*, Atenas, PPC, Sigüeme, Verbo Divino, Madrid, Salamanca, Estella (Navarra) 1995, p. 266; J.D.G. DUNN, *John and the Synoptics. As a Theological Questions*, in R.A. CULPEPPER – C.C. BLACK (edd), *Exploring the Gospel of John*, Westminster, Louisville 1996, pp. 301-313; M.A. POWELL, *Fortress Introduction to The Gospels*, Fortress, Minneapolis 1998, pp. 1-9; R. KYSTAR, *Giovanni. Il Vangelo indomabile*, Claudioana, Torino 2000, pp. 14-29; A. CASALEGNO, *Para que contemplem a minha glória (João 17,24). Introdução à teologia do Evangelho de João*, Loyola, São Paulo 2009, pp. 45-69; J. ZUMSTEIN, *El Evangelio según Juan*, pp. 345-347.

⁸ O. CULLMANN, *A formação do Novo Testamento*, Sinodal, São Leopoldo 2015¹³, pp. 31-33.

⁹ R. SCHNACKENBURG, *Il Vangelo di Giovanni I*, pp. 193-206; A. WIKENHAUSER, *El Evangelio según san Juan*, Barcelona, Herder 1967, pp. 39-49.

¹⁰ O. CULLMANN, *Le Milieu Johannique*, Delachaux-Niestlé, Paris 1976, pp. 49-61; H. STRATHMANN, *Il Vangelo secondo Giovanni*, Paideia, Brescia 1973, p. 16; T.E. POLLARD, *Johannine Christology and the Early Church*, Cambridge University Press, Cambridge 1970, p. 18; C. SEGLENIEKS, *Faith and Narrative a Two-Level Reading of Belief in the Gospel of John*, *TynBul*, 70/1 (2019), p. 23; P.S. MINEAR, *The Audience of the Fourth Evangelist*, *Int*, 31 (1977), pp. 339-354; M. MICALLEF, *The Fourth Gospel as a Textual Field of Meaning*, *M&T*, 64/2 (2014), pp. 5-17.

envolvem a complexidade da “questão joanina”, segundo muitos exegetas, podem ser apresentados em quatro problemáticas: (1) a identidade do autor; (2) o ambiente de origem; (3) a história da composição; (4) e a relação entre o Evangelho, as Cartas de João e o livro do Apocalipse. Ao longo da história da exegese, muitos estudos assinalam que ainda não foi apresentada uma solução derradeira para a “questão joanina”, um acordo sobre as numerosas questões particulares que nela concorrem de maneira complexa. A começar pela questão da origem, autoria e composição, aspectos que o distinguem dos outros Evangelhos, até aquela dos temas, unidade e estrutura.¹¹ No entanto, a erudição bíblica moderna tem mostrado nos últimos séculos que a autoria tradicional de uma série de livros bíblicos simplesmente não pode ser tomada como certa sem um grande exame e discussão do assunto.¹²

¹¹ R. SCHNACKENBURG, *Il Vangelo di Giovanni I*, pp. 11-12.

¹² R.A. CULPEPPER, *John, The Son of Zebedee. The Life of a Legend*, T&T Clark, Columbia 2000, pp. 144-149. Alguns estudos antigos que apresentam o Quarto Evangelho na avaliação da crítica: D.F. STRAUSS, *Das Leben Jesu kritisch bearbeitet*, Osiander, Tübingen 1838; A. LOISY, *Quatrième Évangile*, Picard, Paris 1903; F. BÜCHSEL, *Johannes und hellenistische Synkretismus*, Bertelsmann, Gütersloh 1928; R. BULTMANN, *Das Evangelium des Johannes*, Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen 1957 (R. BULTMANN, *The Gospel of John: a Commentary*, Westminster, Philadelphia 1976³); W.G. KÜMMEL, *Il Nuovo Testamento. Storia dell'indagine scientifica sul problema neotestamentario*, Il Mulino, Bologna 1976, pp. 7-46.99-122; W. NICOL, *The history of Johannine Research during the Past Century*, Neot, 6 (1972), pp. 8-18. Ainda que a ideia gnóstico-mandaica tenha prevalecido no pensamento de muitos exegetas desde o final do século XIX até a metade do século XX, é possível identificar também que muitos estudiosos não compartilharam de tais perspectivas. A apostolicidade e a historicidade do Quarto Evangelho, sublinhadas pelo decreto da Pontifícia Comissão Bíblica em 1907, fomentaram o debate de muitos estudiosos no sentido de destacar os detalhes históricos do Evangelho e a sua unidade literária (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *De auctore et veritate historica quarti Evangelii* [29 de maio de 1907], in *AAS* XL [1907], p. 383). De qualquer modo, os estudos hodiernos destacam profusamente a unidade dos textos, colocando em dúvida a hipótese da fonte gnóstica apresentada por Rudolf Bultmann na obra *Das Evangelium des Johannes* (R. BULTMANN, *The Gospel of John*, pp. 7-8). Exposições sobre a questão joanina nos seus diversos aspectos podem ser encontradas em: G. GHIBERTI (ed), *Opera giovannea*, Elledici, Torino 2003; R. SCHNACKENBURG, *Il Vangelo di Giovanni I*,

No que se refere à articulação dos textos, embora sejam numerosas as hipóteses de articulação ou divisão orgânica do Quarto Evangelho, ainda que, de certo modo, convergentes entre si, nenhum consenso geral surgiu entre os estudiosos a respeito deste assunto. Por essa razão, o presente estudo propõe como coerente a proposta que divide o Evangelho em duas grandes partes: o Livro dos Sinais (1,19–12,50) e o Livro da Glória ou da Hora da Glorificação (13,1–20,31), com um prólogo (1,1-18) e um epílogo (21,1-25), porquanto as recentes discussões sobre o tema não levaram a um repensar geral deste ponto.¹³

O texto destacado para o estudo da noção de ἀλήθεια e a sua relação com a dimensão soteriológica do Quarto Evangelho encontra-se na segunda parte do Evangelho, no Livro da Glória (13,1–20,31),¹⁴ início dos “discursos de adeus” ou “discursos de

pp. 11-272; H. STRATHMANN, *Il Vangelo secondo Giovanni*, pp. 41-48; Y. SIMOENS, *L'évangile selon Jean. Positions et propositions*, NRTTh, 122 (2000), pp. 177-190; R. FABRIS, *Il "giovannismo"*, in R. PENNA (ed), *Le origini del cristianesimo. Una guida*, Carocci, Roma 2004, pp. 157-177.

¹³ Uma apresentação sintética das várias opiniões encontra-se em: G. ZEVINI, *Struttura e tematica del Vangelo di Giovanni*, PV, 29 (1984), pp. 428-436. Algumas das propostas mais significativas e representativas estão expostas nos estudos de G. MLAKUZHYYL, *Christocentric Literary-Dramatic Structure of John's Gospel*, Gregorian & Biblical, Roma 2016², pp. 51-278. O estudo de Mlakuzhyil é uma das propostas mais recentes e está baseada nos temas teológicos do Evangelho, utilizando a definição “estrutura dramático-literária” e agregando elementos literários (forma) e temáticos (conteúdos); ela também propõe uma estrutura literária: a estrutura quiástica, ou seja, o Evangelho em um sistema quiástico no qual cada parte possui uma estrutura tripartida.

¹⁴ A expressão “Livro da Glória” é tese de Raymond E. Brown, apresentada como tema que integra o modelo de divisão do texto do Quarto Evangelho em duas partes precedidas por um prólogo e sucedidas por um epílogo (R.E. BROWN, *Giovanni*, Cittadella, Assisi 2014⁷, pp. CLXIX-CLXX.CLXXVII-CLXXVIII). Nota-se que as duas grandes partes do Evangelho são perfeitamente identificáveis, mas o verdadeiro problema é uma correta titulação para ambas as partes: R. SCHNACKENBURG, *Il Vangelo di Giovanni I*, Paideia, Brescia 1973, p. 375; ID., *Il Vangelo di Giovanni III*, Paideia, Brescia 1981, p. 11; G. VAN BELLE, *The Meaning of ΣΗΜΕΙΑ in Jn 20,30*, ETL, 74 (1998), pp. 300-325; G.R. BEASLEY-MURRAY, *John*, Word Books, Waco 1987, p. xc.

despedida” (13,1–17,26), que antecedem as narrativas de prisão, julgamento, paixão e morte de Jesus. Trata-se de alguns discursos de Jesus dirigidos exclusivamente aos seus discípulos, uma pausa reflexiva para anunciar a sua iminente partida para o Pai e o futuro da comunidade. Uma forma de “testamento” em tom de despedida, assegurando que a sua morte não é o fim, mas a sua volta para o Pai.¹⁵ O fluxo do discurso é impulsionado pelas intervenções dos presentes, que apresentam em muitos momentos hostilidade, angústia e incompreensão: Judas Iscariotes (13,26-27.30), Simão Pedro (13,6-9.36), Tomé (14,5), Filipe (14,8) e Judas, não o Iscariotes (14,22). As palavras de Jesus em 13,31–14,31 têm como finalidade suscitar nos discípulos o “crer”, reivindicando a confiança na sua própria pessoa, quando fala, e nas suas palavras, que propõem uma Verdade para crer.¹⁶

¹⁵ Os chamados “discursos de adeus” (13,1–16,33) abrem a segunda grande parte do Quarto Evangelho (13,1–20,31). O título “Livro da Glória” utilizado aqui quer expressar a “hora da glorificação do Filho do Homem” (12,23), o momento da “revelação da glória de Jesus diante dos seus discípulos”, uma interpretação teológica da paixão apresentada nas narrativas subsequentes aos discursos de adeus. Embora a expressão “Livro da Glória” possa criar equívocos, sugerindo que a glorificação só ocorre neste momento ou que a glória só se manifesta nesta parte dos textos, arriscando ser uma fonte de mal-entendidos novamente, vale sublinhar que, no conjunto dos textos do Evangelho, os vocábulos “glória” e “glorificação” estão eminentemente ligados à Páscoa da morte e ressurreição de Jesus. Deve-se, então, reconhecer que os referidos vocábulos abrangem toda a obra de Jesus (12,28). Em suma, na história da exegese os discursos de “despedida” ou discursos de “adeus” têm sido alvo de numerosos estudos exegético-teológicos nas últimas décadas, dispondo de variadas bibliografias. As diversas propostas ao longo da história da exegese do Quarto Evangelho podem ser encontradas no estudo de: J.P. KAEFER, *Les discours d'adieu en Jn 13,31–17,26. Rédaction et théologie*, NovT, 26 (1984), pp. 253-282.

¹⁶ M. MARCHESELLI, *Il profilo narrativo del personaggio “i giudei” in Gv 1-12*, in L.D. CHRUPCALA (ed), *Rediscovering John Essays on the Fourth Gospel in Honour of Frédéric Manns*, Terra Santa, Milano 2013, p. 299; R.E. BROWN, *Giovanni*, pp. 644-645; G. GIURISATO, *Con Gesù nel cenacolo. Commento al discorso di addio (Gv 13-17)*, Terra Santa, Milano 2016, p. 24.

Neste primeiro capítulo, a pesquisa não tem como objetivo retratar com tanto rigor a história da exegese, mas buscar-se-á evidenciar os aspectos histórico-literários, a estrutura e os temas, apresentando de forma consistente o contexto literário dos discursos de despedida de Jesus no contexto das narrativas do Quarto Evangelho, a fim de constituir um quadro temático que servirá como pano de fundo para o desenvolvimento da pesquisa e como pressuposto para a compreensão do ambiente literário em que se encontra a declaração de Jesus em 14,6: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém pode ir ao Pai senão por mim”.

1. Jesus entre os seus: uma análise da seção 13,1–17,26

1.1 *A estrutura temática da primeira parte do Evangelho*

A estrutura da primeira parte do Evangelho não é, em primeiro lugar, marcada apenas pelo dramático dinamismo dos textos, porquanto a identidade de Jesus não é modificada no desenvolvimento das suas ações, mas é apresentada com uma estrutura temática. Os textos não destacam um desenvolvimento histórico ou psicológico da vida de Jesus, mas, pelo contrário, expressam através de uma série de narrativas a revelação cristológica oferecida ao mundo em um convite à fé e à variedade de respostas que ela suscita na vida dos interlocutores de Jesus.¹⁷

A primeira parte do Quarto Evangelho (1,19–12,50) é precedida de um prólogo (1,1-18), uma abertura solene de caráter poético-rítmico-teológico que aponta para o mistério de Deus, esclarecendo desde o início essa temática cristológica que circunda todo o Evangelho. Além disso, o texto do Prólogo reivindica uma estreita relação com os textos sapienciais da tradição veterotestamentária (Eclo 24,1-34; Pr 8,22-31; Jó 28,1-28; Br 3,9–4,4; Sb 6-9), assim

¹⁷ J. ZUMSTEIN, *Il Vangelo secondo Giovanni I*, Claudiana, Torino 2017, p. 30.

como aponta semelhanças com os hinos cristológicos presentes em alguns textos neotestamentários, seja pela sua forma poética, seja pela mesma temática alusiva à preexistência do Filho e ao mistério da sua encarnação (cf. Cl 1,15-20; Ef 1,3-14; Fl 2,6-11; 1Tm 3,16; Hb 1,1-3; 1Jo 1,1-4).¹⁸

Nessa primeira parte do Evangelho, a história da revelação de Cristo ao mundo, como o enviado de Deus para comunicar a salvação por meio da fé (3,17.34; 4,34; 5,23-24.30.36-38; 6,29; 38-39.44.57; 7,16.18.28-29.33; 8,16.18.26.28.42; 10,36; 12,44-45.49), desenvolve-se em uma crescente tensão narrativa, de forma interativa e progressiva mediante sinais e discursos, tendo seu cume com a chegada da “hora da glorificação” (12,23). Observa-se que a aproximação do momento decisivo da história é marcada por meio de uma série de indicadores que, juntos, contribuem para preparar o grito de Jesus: “Ελήλυθεν ἡ ὥρα ἵνα δοξασθῆ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου – É chegada a hora em que o Filho do Homem será glorificado” (12,23).¹⁹

A atividade pública de Jesus na Galileia e na Judeia ocupa toda a primeira parte do Evangelho, através de diálogos e discursos que mencionam os “sinais – σημείων” operados por Jesus, como revelação da sua glória (2,1-11; 4,46-54; 5,1-15; 6,1-15; 6,16-21; 9,1-41;

¹⁸ M. ORSATTI, *Giovanni, il Vangelo “ad alta definizione”*, Ancora, Milano 1999, pp. 5-6; A. DESTRO – M. PESCE, *Come nasce una religione, Antropologia ed esegesi del Vangelo di Giovanni*, Laterza, Roma 2000, pp. 127-136; J. ZUMSTEIN, *Le prologue, seuil du quatrième évangile*, RSR, 83/2 (1995), pp. 218-222; H. RITT, *λόγος*, in H. BALZ – G. SCHNEIDER (edd), *DENT II*, Ediciones Sígueme, Salamanca 2002², pp. 69-79.

¹⁹ M. MARCHESELLI, *Il profilo narrativo del personaggio “i giudei” in Gv 1-12*, p. 299; P.O. VALDIVIESO, *La estructura teológica del cuarto Evangelio*, TheolXave, 31/2 (1981), pp. 172-175. A revelação se realiza por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras realizadas por Deus na história da salvação manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido (CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição Dogmática *Dei Verbum* [18 de novembro de 1965], in *AAS* LVIII [1966], n. 2).

11,1-44; 12,18), tendo a finalidade de despertar a fé em seus discípulos e assim comunicar-lhes a Vida eterna.²⁰ No início, encontra-se o esboço de uma “semana inaugural” da vida pública de Jesus (1,19–2,11), no qual o evangelista marca cuidadosamente o início de cada perícopo com uma indicação temporal (1,19.29.35.41.43; 2,1), em uma sequência de festas judaicas que se conclui com uma semana final, isto é, os últimos dias de Jesus em Jerusalém (11,55; 12,1). As alusões aos “sinais – σημείων” (2,23; 3,2; 4,48; 6,2.14.26; 7,31; 9,16; 11,47; 12,37) realizados por Jesus tornam-se o pano de fundo de toda a primeira parte do Evangelho. Nota-se que, além de fazer referências aos sinais realizados por Jesus, o evangelista expõe detalhadamente alguns destes sinais:²¹

²⁰ O termo σημείων aparece dezessete vezes nos textos do Evangelho (2,11.18.23; 3,2; 4,48.54; 6,2.14.26.30; 7,31; 9,16; 10,41; 11,47; 12,18.37; 20,30) para indicar os milagres realizados por Jesus, visto que, através deles, Jesus pode mostrar a sua glória e a sua missão como Filho de Deus (2,11; 20,30). O evangelista, para apresentar estes fatos extraordinários realizados por Jesus, não usa o termo “milagres” (δύναμις), como é comum nos Evangelhos Sinóticos. No entanto, utiliza a expressão “sinais” (σημείων) em sete grandes momentos, um número bíblico que representa a plenitude, a totalidade (2,1-12; 4,46-54; 5,1-9; 6,1-15; 6,16-21; 9,1-12; 11,1-44), como é possível constatar nos seguintes estudos: P. RIGA, *Signs of Glory. The Use of “sēmeion” in St. John’s Gospel*, Int, 17 (1963), p. 402; W. KLAIBER, *Die Aufgabe einer theologischen Interpretation des 4. Evangeliums*, ZTK, 82 (1985), pp. 300-324; X. LÉON-DUFOUR, *Los milagros de Jesús según Juan*, in Id. (ed), *Los milagros de Jesús, según el Nuevo Testamento*, Cristianidad, Madrid 1979, pp. 265-270; O. BETZ, *σημείων*, in H. BALZ – G. SCHNEIDER (edd), *DENT II*, pp. 1389-1396; L. ERDOZÁIN, *La Función del Signo en la fe según el Cuarto Evangelio. Estudio crítico exegético de las pericopas Jn IV,46-54 y Jn XX,24-29*, Gregorian & Biblical, Roma 1968, pp. 1-3; G. VAN BELLE, *The Signs Source in the Fourth Gospel, Historical Survey and Critical Evaluation of the Semeia Hypothesis*, Leuven University, Leuven 1994, pp. 394-398; F. RAMOS PÉREZ, *Ver a Jesús y sus signos y creer en Él, estudio exegético-teológico de la relación “ver y creer” en el Evangelio según san Juan*, Gregorian & Biblical, Roma 2004, pp. 211-364.

²¹ M.-E. BOISMARD, *Du Baptême à Cana (Jean 1,19–2,11)*, Cerf, Paris 1956, pp. 12-13. No estudo de Köstenberger, não se inclui entre os sinais “o caminhar de Jesus sobre as águas” (6,16-21). O autor considera “a purificação do templo” (2,14-17) como um verdadeiro sinal (cf. A.J. KÖSTENBERGER, *The Seventh Johannine Sign: A Study in John’s Christology*, BBR, 5 [1995], pp. 87-103).

- O milagre em Caná: a água convertida em vinho (2,1-11).
- A cura do filho de um funcionário real (4,46-54).
- A cura do enfermo de Betzata em Jerusalém (5,1-15).
- O sinal da multiplicação dos pães na Galileia (6,1-15).
- O andar sobre as águas no Lago de Tiberíades (6,16-21).
- A cura do cego de nascença em Jerusalém (9,1-41).
- A ressurreição de Lázaro em Betânia (11,1-44; 12,18).

No conjunto das narrativas do Evangelho, constatam-se várias alusões referentes ao tema dos “sinais”, assim como esses sinais, que foram narrados de modo particular. As alusões são encontradas em doze grandes temas da primeira parte do Evangelho:²²

- A semana de abertura: a epifania de Jesus (1,19–2,12).
- O sinal do templo (2,13-22).
- O diálogo de Jesus com Nicodemos (2,23–3,21).
- O último testemunho de João Batista (3,22-36).
- A revelação para os samaritanos (4,1-42).
- A cura do filho de um oficial real (4,43-54).
- O sinal de Betzata (5,1-47).
- O discurso do Pão da vida (6,1-71).
- A Semana de Tabernáculos (7,1–10,21).
- A Festa da Dedicção (10,22-42).
- A ressurreição de Lázaro (11,1-54; 12,18).
- Os últimos dias (11,55–12,50).

1.2 O ponto de transição da narrativa entre os capítulos 12 e 13

O capítulo 12 conclui a primeira parte do Quarto Evangelho (1,19–12,50) e está intimamente ligado ao capítulo anterior, ao

²² S.C. ALDAY, *El Evangelio según san Juan. El Evangelio del Camino, de la Verdad y de la Vida*, Verbo Divino, Estella (Navarra) 2010, p. 29.

iniciar com referências à ressurreição de Lázaro e aos efeitos que esse evento teve tanto sobre os amigos quanto sobre os inimigos (11,1-57). O texto de 12,1-50 inclui o relato da unção de Betânia e a conspiração contra Lázaro (12,1-11), a entrada messiânica de Jesus em Jerusalém (12,12-19), a chegada da hora da glória e o pedido de alguns estrangeiros provenientes do mundo helenista de poderem ver Jesus (12,20-36), e uma conclusão composta de dois textos: uma reflexão do evangelista sobre as razões da falta de fé (12,37-43) e um breve discurso de Jesus com um apelo a crer (12,44-50).²³

O ponto de transição entre as duas partes do Evangelho é assinalado pelo evangelista através de uma série de indicadores expressos nas narrativas que compõem a primeira parte e preparam o grito de Jesus: “ἐληλύθεν ἡ ὥρα – é chegada a hora” (12,23).²⁴ Vejamos:

- (a) As duas perícopes que compõem o final do capítulo 12 funcionam como uma dupla conclusão (12,37-43; 12,44-50):
 - *A primeira perícopa* é estabelecida pelo evangelista com uma reflexão teológico-conclusiva acerca da função dos “sinais – σημείων” de Jesus em relação ao “crer – πιστεύω” (12,37-43), que encontram o seu ponto alto na ressurreição de Lázaro (11,1-44). O tema dos “sinais” nos textos do Evangelho não vai além do capítulo 12. Somente em 20,30 o vocábulo σημείων reaparece sublinhando a intenção do evangelista de ajudar o leitor a acreditar que Jesus é o Cristo e o Filho de Deus. A interpretação do evangelista sugere que os sinais são insuficientes para despertarem e garantir a fé, demonstrando a necessidade de algo a mais para que se alcance essa meta. É o que vemos nas palavras e gestos

²³ K. TSUCHIDO, *Tradition and Redaction in John 12,1-43*, NTS, 30 (1984), pp. 609-619.

²⁴ M. MARCHESELLI, *Il profilo narrativo del personaggio “i giudei” in Gv 1-12*, p. 299.

de Jesus que preencherão os capítulos da segunda parte do Evangelho (13,1–20,30).²⁵

- *A segunda perícopé* evidencia as palavras conclusivas de Jesus, como sua última declaração na vida pública. O texto dá unidade à conclusão e estabelece uma evidente inclusão com o texto do Prólogo (1,1-18), retomando alguns dos seus temas, como também temas presentes em outras narrativas da primeira parte do Evangelho:²⁶ (1) crer e ver como sinônimos, isto é, crer e ver Jesus é crer e ver seu Pai (“πιστεύω – crer, acreditar” / “θεωπέω – ver”: 1,7.12.18; 3,15-16; 5,36-33.46; 6,29.35.40; 7,38; 8,19.24.42-46; 10,30.38; 12,37-39.42.44-46); (2) luz e trevas, um último eco ao tema da “luz” (“φῶς – luz” / “σκοτία – trevas”: 1,4-5.7-9; 8,12; 9,5; 12,35-36.46); (3) julgamento e salvação, a missão salvadora de Jesus (“κρίνω – julgar” / “κόσμος – mundo”: 1,9-11; 3,17; 5,24; 8,15.31; 12,46-48); (4) aceitação da palavra e rejeição (“ῥήματά – palavras”: 1,11-12; 12,47-48; cf. 3,34; 6,63.68; 8,20.47; 10,21); (5) a

²⁵ J. BEUTLER, *Evangelho segundo João*, Loyola, São Paulo 2016, p. 314: “Os sinais não são o único caminho à fé, mas são reconhecidos e apresentados pelo evangelista como caminho legítimo à fé” (2,11.23; 3,2; 6,2.14.26; 12,18; 20,30). Podemos conferir isso nos estudos de: R.E. BROWN, *Giovanni*, pp. 415-417.627-633; R. SCHNACKENBURG, *Il Vangelo di Giovanni II*, Paideia, Brescia 1977, pp. 679-690; B.L. BLACKBURN, *Miracles and Miracle Stories*, pp. 549-560; D. BURKETT, *Two Accounts of Lazarus’ Resurrection in John 11*, NovT, 36/3 (1994), pp. 209-232; R.A. CULPEPPER, *The Gospel and Letters of John*, Abingdon, Nashville 1998, p. 189; B. LINDARS, *Rebuking the Spirit: A New Analysis of the Lazarus Story of John 11*, NTS, 38 (1992), pp. 89-104; M.W.G. STABBED, *A Tomb with a View: John 11:1-44 in Narrative-Critical Perspective*, NTS, 40 (1994), pp. 38-54; W. WELLER, *Putting Life Back into the Lazarus Story and its Reading: The Narrative Rhetoric of John 11 as the Narration of Faith*, Semeia, 53 (1991), pp. 113-132; M.V. FABBRI, *Estructura narrativa del cuarto evangelio*, in J. CHAPA (ed), *Introducción a los escritos de san Juan. Evangelio, cartas y Apocalipsis*, EUNSA, Pamplona 2011, pp. 182-186.

²⁶ G. MLAKUZHYYIL, *Christocentric Literary-Dramatic Structure of John’s Gospel*, p. 283.

vida e a palavra do Pai (“ζωή – vida” / “Λόγος, palavra” / “Πατήρ – Pai”: 1,1; 12,48; cf. 3,18; 5,45; 8,40). Observa-se que o último eco ao tema da “luz” tem grande importância no ponto de transição entre os capítulos 11 e 12. Nas fases que preparam os dois últimos sinais (o cego de nascença e a ressurreição de Lázaro), observa-se que Jesus usa por duas vezes a imagem da “luz do dia que está chegando ao fim” (9,4-5; 11,9-10). No capítulo 12, encontram-se dois usos do tema (12,35-36; 12,45-46), que representam a última autoapresentação de Jesus em termos de “luz do mundo”, assinalando a ideia de que, quando Jesus se esconde, a luz cessa (12,36).²⁷

(b) As referências de “ἡ ὥρα – a hora” de Jesus.²⁸ No decurso das narrativas que compõem a primeira parte do Evangelho, nota-se que as narrativas são apresentadas sob o sinal

²⁷ M. MARCHESELLI, *Il profilo narrativo del personaggio “i giudei” in Gv 1-12*, pp. 299-300.

²⁸ O vocábulo ὥρα é utilizado vinte e seis vezes nos textos do Evangelho para designar a hora do dia (1,39; 4,6.52[2x].53; 11,9; 19,14.27), a hora do culto escatológico (4,21.23), a hora da ressurreição dos mortos, do juízo e do testemunho do Pai (5,25.28.35), a hora de Jesus (2,4; 7,30; 8,20; 12,23.27[2x]; 13,1; 17,1) e a hora da Igreja (16,2.4.21.25.32). Embora não encontremos nos textos a expressão a “hora de Jesus”, nota-se que na primeira parte do Evangelho o termo ὥρα, em 2,4; 7,30; 8,20, é seguido pelo uso de um pronome possessivo: “ἡ ὥρα μου – a minha hora” ou “ἡ ὥρα αὐτοῦ – a sua hora” (J. BEUTLER, *L’ebraismo e gli Ebrei nel Vangelo di Giovanni*, pp. 121-125; B. JOJKO, *Eternity and Time in the Gospel of John*, VV, 35 [2019], pp. 247-248; H.J. LEE, *Signore, vogliamo vedere Gesù. La conclusione dell’attività pubblica di Gesù secondo Gv 12,20-36*, Gregorian & Biblical, Roma 2005, pp. 95-96; H. GIESEN, *ὥρα*, in H. BALZ – G. SCHNEIDER [edd], *DENT II*, pp. 2200-2201; M.V. FABBRI, *Estruttura narrativa del quarto evangelio*, pp. 191-192). No estudo de Ferraro, o tema da “hora” não é apresentado com uma definição do tempo em que qualquer coisa acontece ou que é presente, mas indica a própria realidade que está presente. Ela não se define pela sua localização no tempo astronômico e matemático, mas pela realidade do evento que nela toma lugar. E, quando aplicada à pessoa de Jesus, tal “hora” é pessoal, existencial (G. FERRARO, *L’Ora di Cristo nel IV Vangelo*, Herder, Roma 1974, p. 299).

da “hora ainda não chegada”.²⁹ A primeira referência da expressão ἡ ὥρα é encontrada no primeiro sinal realizado por Jesus em Caná da Galileia, com a expressão de Jesus dirigida à sua mãe: “οὐπω ἤκει ἡ ὥρα μου – a minha hora ainda não chegou” (2,4). Em 7,30 e 8,20, no contexto da discussão de Jesus com os judeus na sinagoga e com o eco da sua afirmação: “Ἐγώ εἰμι τὸ φῶς τοῦ κόσμου – Eu sou a Luz do mundo” (8,12), é o próprio evangelista quem sublinha: “ὅτι οὐπω ἐληλύθει ἡ ὥρα αὐτοῦ – porque ainda não tinha chegado a sua hora”, como explicação acerca das tentativas feitas pelas autoridades de prendê-lo ou apedrejá-lo (7,10–8,59; 10,10.31), isto é, as autoridades não conseguem meter-lhes as mãos (5,16.19; 7,1; 11,53), porque a sua hora ainda não havia chegado. Ele dará a vida por própria iniciativa, quando chegar a sua hora (12,23; 13,1; 17,1).³⁰ O último episódio narrativo do ministério público coincide com a declaração do próprio Jesus que intitula todo o seu último discurso público em 12,23-33:³¹ “Ἐλήλυθεν ἡ ὥρα – É chegada a hora” (12,23.27). A expressão ἐλήλυθεν ἡ ὥρα é apresentada com um carácter presente e continuado que se estende aos episódios decorrentes, indicada regularmente como “a hora chegada” (13,1; 17,1; 19,27). No desenrolar das narrativas, a noção da expressão ἡ ὥρα em relação “à hora de Jesus” ganha formas definidas, levando o ouvinte-leitor a confrontar-se com a hora que é chegada e o que

²⁹ M. MARCHESELLI, *Il profilo narrativo del personaggio “i giudei” in Gv 1-12*, in L.D. CHRUPCALA (ed), *Rediscovering John Essays on the Fourth Gospel in Honour of Frédéric Manns*, Terra Santa, Milano 2013, p. 299.

³⁰ C. CARBULLANCA NÚÑEZ, *El Hijo del hombre joánico. Una teología del martirio y de la exaltación*, *TV*, 53 (2012), p. 198.

³¹ G. FERRARO, *L’Ora di Cristo nel IV Vangelo*, p. 182; X. LÉON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho segundo João II*, Loyola, São Paulo 1996, p. 323. La Potterie propôs interpretar este último discurso público de Jesus em uma perspectiva de exaltação (cf. I. DE LA POTTERIE, *L’Exaltation du Fils de l’homme*, *Greg*, 48 [1968], pp. 460-478).

ela manifesta: a glorificação do Filho do Homem (12,23); uma manifestação que se verificará através de sua morte para dar fruto (12,24), que determina a finalidade de sua missão (12,27), o julgamento do mundo e a expulsão do seu príncipe (12,31), assim como a elevação de Jesus e a atração de todos os que o servem, o seguem e acreditam nele (12,26.32).³²

- (c) O não acolhimento e a rejeição por parte das pessoas diante dos sinais de Jesus são evidenciados pelo evangelista através do uso de “ἐπίστευον εἰς – não creem em”, precedido do advérbio de negação “οὐκ – não” (12,37). Por conseguinte, ele justifica as razões da falta de fé, como prenunciada nos textos da profecia de Isaías, citando o texto de 53,1. Dessa forma, é empregado o tema do “cumprimento” (“ἵνα πληρωθῆ – para que se cumpra”), introduzido apenas em 12,38, para depois se desenvolver ao longo de toda a segunda parte do Evangelho (13,18; 15,25; 17,12; 19,24.28.36).³³
- (d) O motivo dos judeus que creem em Jesus. Nos capítulos 11 e 12, os textos apresentam os judeus com um tom neutro e até favorável (11,19.31.36.45; 12,9-11), surpreendendo o ouvinte-leitor, depois do tom agudo das discussões encontradas nos capítulos anteriores (7,1–8,59). Há um crescimento daqueles que creem, corroborando para o momento da glorificação que é iminente.³⁴ No desenrolar dos

³² H.J. LEE, *Signore, vogliamo vedere Gesù*, p. 96; H. VAN DEN BUSSCHE, *Si le grain de blé ne tombe en terre*, BVC, 5 (1954), pp. 53-67; J.L. KOVACS, *Now Shall the Ruler of This World Be Driven Out. Jesus Death as Cosmic Battle in John 12,20-36*, JBL, 114 (1995), pp. 227-247.

³³ J. PAINTER, *The Quest for the Messiah. History, Literature and Theology of the Johannine Community*, T&T Clark, Edinburgh 1991, p. 175.

³⁴ J. ONISZCZUK, *La risurrezione di Lazzaro. Analisi retorica di Gv 11,1-46*, in R. MEYNET – J. ONISZCZUK (edd), *Studi del terzo convegno RBS. International Studies on Biblical & Semitic Rhetoric*, Gregorian & Biblical, Roma 2013, pp. 223-224.

capítulos 11 e 12, a hora da glorificação é chegada, não só porque os gregos expressam o desejo de ver Jesus em 12,20-22, como também pelo fato de muitos judeus terem acolhido Jesus com a fé (11,45; 12,9-11; cf. 2,23; 6,22-26; 7,31; 10,21.41.42), o que provoca a decisão do sinédrio de se livrar de um personagem que se tornou demasiadamente perigoso (11,53).³⁵

Em suma, a revelação da divindade de Jesus e a manifestação da sua glória diante do mundo já ocupam toda a primeira seção do Evangelho (1,19–12,50), apontando para o ministério público de Jesus em torno das festas dos judeus, com ensinamentos e sinais que contam claramente como Ele se revelou à humanidade como Filho de Deus. Os sinais realizados por Jesus como Filho de Deus revelam o Pai e testemunham vários aspectos da sua divindade (1,1.11.18), provocando uma resposta de fé e muitas vezes sua rejeição por parte dos seus interlocutores. Como vimos, toda a seção sugere uma preparação para a “hora de Jesus” (12,23), empenhada em longos discursos ou discussões com personagens individuais, adversários e a multidão.

O autor do Evangelho, ao mencionar a saída de cena de Jesus em 12,36 (“καὶ ἀπελθὼν ἐκρύβη ἀπ’ αὐτῶν – e partindo ocultou-se deles”), sugere que a sua atividade querigmática tenha terminado.³⁶ Por conseguinte, nas perícopes 12,37-43 e 12,44-50 encontram-se os elementos de conteúdo que concluem toda a primeira parte do Evangelho, assinalando que a revelação de Jesus acontece com a finalidade de trazer os homens à luz da fé e, conseqüentemente, à salvação. Em síntese, diante dos sinais de Jesus muitos judeus

³⁵ M. MARCHESELLI, *Studi sul Vangelo di Giovanni. Testi, temi e contesto storico*, Gregorian & Biblical, Roma 2016, pp. 365-368; M. ÁNGEL FERRANDO, *Los judíos en el Evangelio según Juan (1), TV*, 11 (1999), pp. 256-259; J. BEUTLER, *Two Ways of Gathering. The Plot to Kill Jesus in John 11,47-53*, NTS, 40 (1994), pp. 399-406.

³⁶ G.C. NICHOLSON, *Death as Departure. The Johannine Descent-Ascent Schema*, Scholars, Chicago 1983, p. 42.

não creram (12,37-43), mas só em Jesus se encontra a salvação (12,44-50).³⁷

1.3 A hora da glorificação (13,1–20,31)

Se na primeira parte do Evangelho as narrativas dos sinais realizados por Jesus são apresentadas sob o presságio da “hora ainda não chegada” (2,4; 7,30; 8,20), a segunda parte do Evangelho (13,1–20,31) encontra seu foco de interesse no tema da “hora de Jesus” que é chegada (13,1), desenvolvendo seu sentido teológico e soteriológico, como também seu conteúdo cronológico (13,1; 17,1; 19,14.27).³⁸ Como já visto, a “hora chegada” é mencionada no último discurso do ministério público de Jesus (12,23-33) e refere-se à hora da sua glorificação, compreendendo em si mesma a paixão, a hora da prisão e a hora da sua passagem para o Pai (13,1; 16,4.25.32; 17,1; 19,14.27). É o momento decisivo no qual a obra de salvação é realizada e no qual Deus comprova em Jesus a sua presença poderosa e operante.³⁹ Desse modo, observa-se que

³⁷ H.J. LEE, *Signore, vogliamo vedere Gesù*, p. 22.

³⁸ G. MLAKUZHYYL, *Christocentric Literary-Dramatic Structure of John's Gospel*, p. 393. Podemos também conferir os seguintes estudos: G. ZEVINI, *L'ora di Gesù nel Vangelo di Giovanni*, PSV, 36 (1998), pp. 153-169; M.A. NICOLACI, *L'ora e i segni nella storia del Figlio dell'Uomo secondo Giovanni*, RStB, 1-2 (2016), pp. 365-405; L. MARTIGNANI, *L'ora e il giorno giovannei. L'irruzione del tempo escatologico nella storia*, CO, 137 (2003), pp. 61-68; G. FERRARO, *Cristo di fronte alla sua "ora"*, PV, 29 (1984), pp. 196-208; M. GALIZZI, *È giunta l'ora che sia glorificato il Figlio dell'uomo*, PV, 29 (1984), pp. 216-225.

³⁹ B. JOJKO, *Eternity and Time in the Gospel of John*, p. 273; P. LÉTOURNEAU, *La gloire de Jésus. Gloire et Glorification dans le IV^e Évangile*, LTP, 51 (1995), pp. 551-572. O tema da “hora de Jesus” evoca os textos apocalípticos do livro de Daniel, que apresenta o tema da “hora” como momento escatológico da vitória definitiva sobre os inimigos do povo de Deus (cf. Dn 8,17.19; 11,35; ver o sentido escatológico da hora nos Evangelhos Sinóticos: Mt 24,36; Mc 13,32). I. DE LA POTTERIE, *La verdad de Jesús. Estudios de cristología joanea*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1979, pp. 146-147; G. FERRARO, *L'Orsa di Cristo nel IV Vangelo*, p. 300; M. MARCHESELLI, *Percezione e raffigurazione del tempo nel Vangelo secondo Giovanni*, RStB, 31/2 (2019), pp. 147-184; J.C. THOMAS, *Footwashing in John 13 and the Johannine Community*, Sheffield Academic, Sheffield 1991, pp. 79-80.

a primeira parte do Evangelho (1,19–12,50) arquiteta e prepara todas as narrativas da segunda parte. O evangelista se concentra na hora da glorificação através dos acontecimentos da paixão, morte e ressurreição de Jesus, guiados por um longo discurso na ocasião da última ceia com os seus discípulos, na iminência da Páscoa, no qual suas palavras servirão como “chave interpretativa para sua trajetória futura” (13,1–20,31).⁴⁰

A segunda parte do Quarto Evangelho, embora acumule plausíveis títulos atribuídos por vários estudiosos na história da exegese, comumente é intitulada de “Livro da Glória” ou “Livro da Hora da Glorificação”, onde o evangelista considera a morte de Jesus na cruz como uma exaltação (3,14; 8,28; 12,32-34), e a sua ressurreição ou retorno ao Pai como um retorno à “glória” que o Filho tinha antes mesmo da existência do mundo (12,23; 13,31-32; 17,1.5).⁴¹ A sua estrutura é composta de blocos literários homogêneos e bem delimitados, podendo ser apresentada através de três seções seguidas de um epílogo: a primeira compreende o relato da última ceia, introduzido pelo gesto do lava-pés, os discursos de adeus e a oração de Jesus (13,1–17,26); a segunda apresenta o relato da paixão (18,1-19); a última seção apresenta uma narração dos encontros com o Ressuscitado (20,1-31) e, por fim, o epílogo narrativo (21,1-25).⁴²

Nos primeiros versículos do capítulo 13, o evangelista oferece uma indicação cronológica de caráter introdutório que assinala a

⁴⁰ H.A. LOMBARD – W.H. OLIVER, *A Working Supper in Jerusalem: John 13:1-38 Introduces Jesus's Farewell Discourses*, Neot, 25/2 (1991), pp. 357-378.

⁴¹ F.F. SEGOVIA, *The Structure, Tendenz, and Sitz im Leben of John 13,31–14,31*, JBL, 104 (1985), p. 471; G. ZEVINI, *Struttura e tematica del Vangelo di Giovanni*, PV, 29 (1984), pp. 428-436; C.E. MORRISON, *The “Hour of Distress” in Targum Neofiti and the “Hour” in the Gospel of John*, CBQ, 67 (2005), pp. 590-603; F.J. MOLONEY, *The Function of John 13-17*, in F.F. SEGOVIA (ed), *What is John? Volume II: Literary and Social Readings of the Forth Gospel*, Scholars, Atlanta 1998, pp. 45-46.

⁴² C. DOGLIO, *La testimonianza del discepolo*, pp. 157-158.

delimitação e a unidade espaçotemporal de toda a segunda parte do Evangelho: “πρὸ δὲ τῆς ἑορτῆς τοῦ πάσχα – antes da Festa da Páscoa”. É a festa judaica em Jerusalém (13,1; 18,28.39; 19,14) uma indicação temporal de grande alcance teológico, pano de fundo de toda a segunda parte do Evangelho.⁴³

A declaração introdutória em 13,1-3 estabelece a introdução de toda a segunda parte (13,1-20,31) e, ao mesmo tempo, introduz a narrativa do lava-pés, que também oferece uma variedade de indicadores temporais, personagens, temas e ações (13,1-20).⁴⁴ Observa-se que o texto de 13,1 inclui não somente coordenadas cronológicas como também vários temas que se destacam e ordenam todo o conjunto dos textos desta segunda parte: a Páscoa, a hora de Jesus, seu retorno ao Pai, seu amor pelos seus e sua autoconsciência diante da própria morte. Desse modo, o ouvinte-leitor encontra já de início as chaves hermenêuticas para a interpretação de tudo o que segue: o lava-pés, os discursos de adeus, a oração de despedida, a história da paixão e ressurreição de Jesus. Tudo é colocado sob o sinal da plena consciência de Jesus e do seu “ἀγάπη – amor”, que dará uma excepcional intensidade ao relato que se inicia.⁴⁵

⁴³ H.N. RIDDERBOS, *The Gospel according to John. A Theological Commentary*, Eerdmans, Grand Rapids 1997, p. 451.

⁴⁴ J.A. DU RAND, *Narratological Perspectives on John 13:1-38*, HTS, 46 (1990), p. 371; S.M. SCHNEIDERS, *The Foot Washing (John 13:1-30): An Experiment in Hermeneutics*, CBQ, 43 (1981), p. 80; J.C. THOMAS, *Footwashing in John 13 and the Johannine Community*, Sheffield Academic, Sheffield 1991, p. 79; H.A. LOMBARD – W.H. OLIVER, *A Working Supper in Jerusalem: John 13:1-38 Introduces Jesus's Farewell Discourses*, p. 357.

⁴⁵ X. LÉON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho segundo João III*, Loyola, São Paulo 1996, pp. 11.15; R. FABRIS, *Giovanni*, Borla, Roma 1992, p. 712; R.A. CULPEPPER, *Anatomy of the Fourth Gospel*, pp. 33-34; J.C. THOMAS, *Footwashing in John 13 and the Johannine Community*, p. 80; M. GRASSILLI, “Santificali nella verità”. *Il rapporto tra santificazione e missione nel Vangelo di Giovanni*, EDB, Bologna 2016, pp. 94-95.